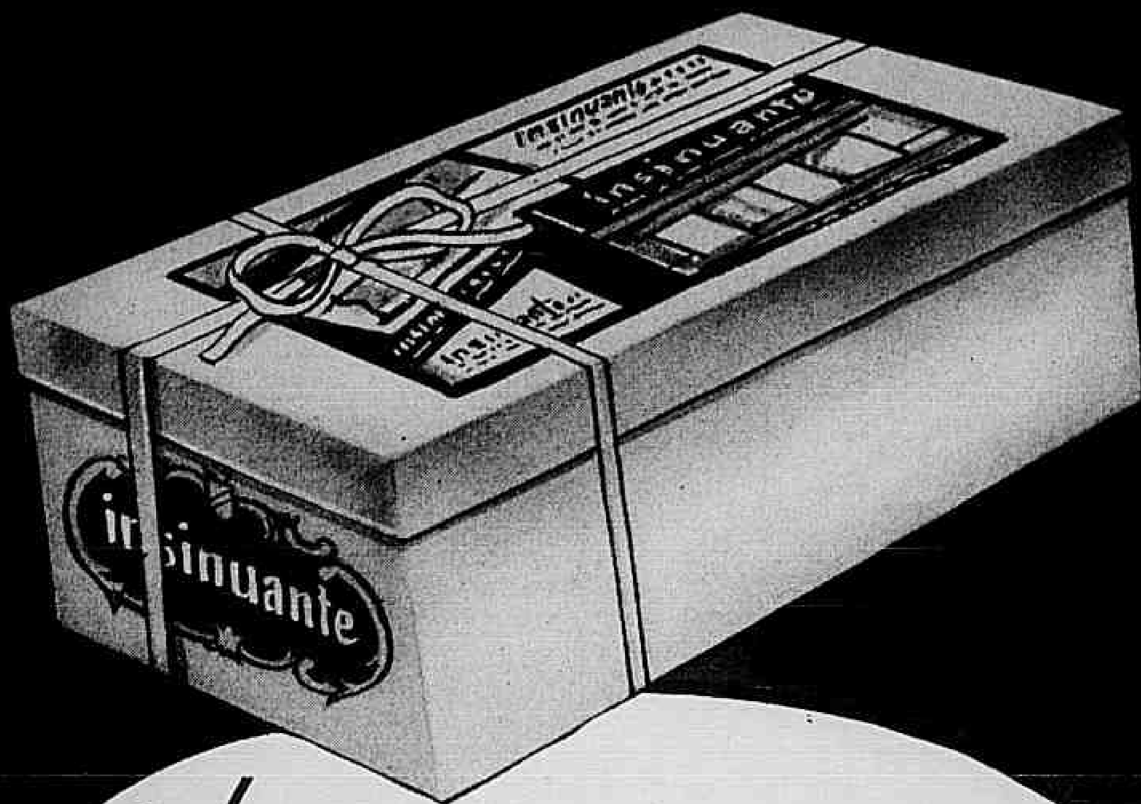
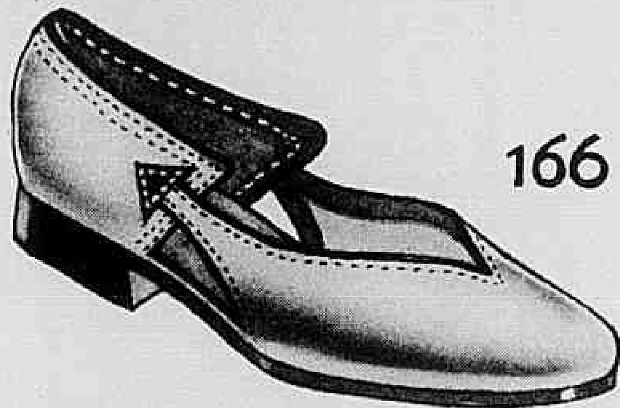

A CENA MUDA
Nº 49 ★ 2-12-53
Cr$ 4,00
em todo o Brasil

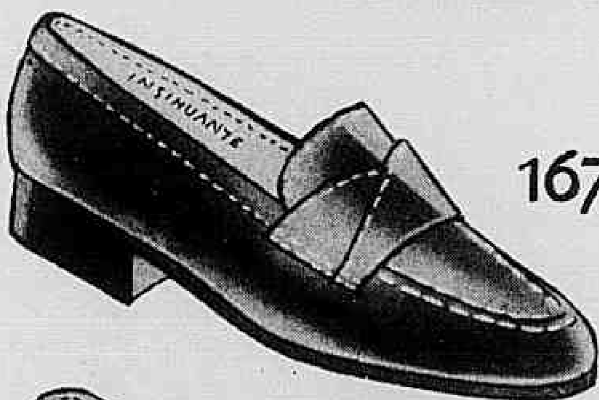




Um **PRESENTE QUE É UMA JOIA!**



166



167



168

166 Cr$ 180,00 — Um sapato que é uma "Relíquia" Muito bonito! Tôdas as côres e combinações. Núm. de 32 a 38.

167 Cr$ 150,00 — A coqueluche da temporada! Lindo e resistente. Em beie, azul ou havana. Núm. de 32 a 39.

168 Cr$ 200,00 — Para cavalheiros que sabem se calçar! 100% confortável. Salto de borracha. Núm. de 37 a 44.

Remetemos para todo o Brasil; porte por par, 5- cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48 - SETE SETEMBRO, 199-201

Luiz Fernandes

apresenta em

A CENA MUDA

Os feios estão na moda?



Josette Bertal e Ginger Rogers respondem à CENA

Cine-novela: «A um passo da eternidade».

Absurdos!

«Querida Marlene...»



Rita Haworth vem aí em «Chuva».

Teatro

Cena Radiofônica

"Trailer" do filme premiado com o "Leão de S. Marcos" em Veneza





SADIE THOMPSON

vem aí!

Sim... na pele da fabulosa Rita Hayworth, ela aporta na ilha de Pago-Pago com seu fonógrafo e sua maleta contendo um guarda-roupa reduzido e vulgar. E vem em tecnicolor e em terceira dimensão, o que é melhor ainda!...



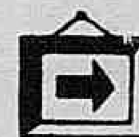
Sadie Thompson enfrenta, com seu conhecido descaramento, o Reverendo Davidson e os demais hóspedes do hotel.

HÁ mais de trinta anos que a famosa novela de Somerset Maugham, «Chuva», vem servindo de veículo para que as maiores atrizes do palco e da tela se exibam em magníficas «performances», pois, além do conflito absorvente entre o reverendo Davidson e a decaída Sadie Thompson, esta personagem possui o conteúdo com que sonham artistas novas e veteranas para provar o seu talento. Na ribalta norte-americana, brilhou Jeanne Eagels já em 1922, e na brasileira a nossa Dulcina se mostrou inexcedível no papel, continuando a colhêr louros até os dias que correm. Em 1928, Gloria Swanson, no auge de sua carreira, trouxe para a tela a irrequieta Sadie, interpretando Joan Crawford outra versão em 1932. Sempre o mesmo sucesso! Em boa hora, a Columbia resolveu «encomendar» uma versão musical, colorida, em tela panorâmica e ... em TERCEIRA DIMENSAO de «Chuva», entregando-a à menina de seus olhos, Rita Wayworth! Como se não bastasse tudo isso, coloca ao seu lado artistas de grande mérito, como o soberbo José Ferrer, de «Moulin Rouge», no papel de Reverendo e Aldo Ray no do «bonitão» O'Hara.

Consciente da grande responsabilidade que tal fato representava, Rita entregou-se de unhas e dentes à incumbência, e o resultado não poderia ser melhor: o próprio Ferrer declara que a afamada Mrs. Dick Haymes se revelará no ano de 1954 como uma das maiores atrizes do cinema!

Com o correr do tempo, a história foi sempre sendo um pouco alterada, atualizada. Nos nossos dias, Sadie Thompson não necessita ser uma criatura tão óbvia como a imaginada por Gloria Swanson, por exemplo, com plumas e setins baratos. A novíssima versão apresenta a personagem bem mais humanizada, vestindo-se de maneira vulgar, mas um tanto mais discretamente. Rita canta e dança para os soldados estacionados na ilha de Pago-Pago, mas não o faz como uma profissional e sim como uma pequena comum sem moral e sem inibições de espécie alguma, guiada apenas pelo instinto. Os soldados, agora, são membros de um pôsto de Radar situado no Havaí. Mas a essência ficou, com tôda a confusão sentimental do reverendo Davidson e sua hesitação em praticar o bem, convertendo a pecadora criatura, e tornar-se, êle mesmo, um pecador, fascinado que ficou pela glamorosa Sadie. E ficou, também, a chuva, chuva, chuva...

Em 1932, Joan Crawford, que sempre imitara La Swanson, não quis ficar atrás: conseguiu «estrelar» uma refilmagem do famoso romance de Somerset Maugham.



Gloria Swanson na 1ª versão de «Chuva», produzida em 1928.





rita hayworth

para o que teve a Columbia de gastar 25 000 galões de água por hora!

Um único senão. Mas enorme, incompreensível mesmo: a falta de gôsto, de critério, e até de consideração para com o público e até para com o próprio Somerset Maughan, batizando a película com o título de «Mulher de Satã», para fins de sensacionalismo barato, o que é imperdoável. Não se concebe que uma versão dessa história não seja apresentada como «Chuva» ou «Sadie Thompson», e o simples fato de trazer o nome de Rita Wayworth e o de José Ferrer, já constituiria sucesso certo, mesmo para a reduzida parte do público que ainda não conheça o entrecho.

E, assim, a fabulosa Rita junta mais um êxito à sua gloriosa carreira. Terminou um novo trabalho, casou-se com Dick Haymes e no momento descansa, levando uma vida pacata ao lado do marido e das duas filhas (uma de Orson Welles e outra de Aly Khan . . .), estirando-se à beira de uma piscina, sob o sol da Califórnia, para variar um pouco do calor dos refletores . . .

Vejamos alguns hábitos da «estrêla» da nossa capa: ela é muito pontual, seja nos negócios ou nos compromissos sociais; adora caviar; nunca joga canasta, pôquer ou «bridge»; usa muito poucas jóias, mas gosta particularmente de uma que lhe deu Aly Khan, que consiste numa medalha de S. Cristóvão, em ouro e brilhantes; tem excelente memória e nunca se esquece de nomes, sabendo o de todos os que com ela trabalham no estúdio; fala correntemente francês e «passàvelmente» o espanhol, apesar de ser o idioma de seus pais; nada regularmente não só por prazer como por achar que é ótimo exercício, e no tênis não é das piores; não gosta de futebol e «baseball»; é bastante introvertida, o que a torna quase tímida quando está no meio de estranhos; veste-se com gôsto e simplicidade, dando preferência a costumes, principalmente pretos ou azuis; não é supersticiosa; é modesta, muito modesta, a ponto de dizer freqüentemente que não chega a ser uma atriz, e sim uma dançarina; quando quer descansar o espírito, ouve sua coleção de discos franceses e espanhóis; não se julga e nem é julgada temeperamental; não lhe agradam grandes e importantes festas; possui temperamento alegre e é bastante espansiva quando tem intimidade com os presentes; embora aprecie e possua «modelos» franceses de Jacques Fath, Dior e Pierre Balmain, sua vestimenta preferida ainda é «blue jeans», camisa de homem e sandália simples; e, para terminar, querem saber como gosta de dormir? Com o braço direito debaixo do travesseiro . . .

Terminadas as filmagens de «Mulher de Satã», como a Colúmbia em má hora decidiu batizar a mais recente versão de «Chuva», Rita Hayworth só pensa em descansar, trocando o calor dos refletores pelo sol da Califórnia.





TH-1784



OS FEIOS

Sim, os representantes da "beleza masculina" de Hollywood estão um tanto apavorados! Não é que o elemento feminino do mundo inteiro está se passando de armas e bagagens para os feiosos como Humphrey Bogart, David Brian, Robert Ryan e outros igualmente mal encarados?!

Tony Curtis, John Derek, Bob Wagner, Tab Hunter e mais uma meia dúzia de rapazes considerados "bonitos", já estão perdendo noites de sono, pois sentem que seu prestígio está perigando e sèriamente!

Robert Taylor e Tyrone Power já deixaram a barba crescer para algumas películas, onde procuraram se mostrar mais viris, e até um pouco artistas.

Dois feiosos que estão conquistando ràpidamente o coração não só das "estrêlas" de cinema — que chegam a brigar para tê-los em seus filmes — mas das garôtas do mundo inteiro, são Jack Palance e Chuck Connors, ambos com uma cara de meter mêdo às crianças.

Jack já aparecera em pequenas partes em duas películas, quando Joan Crawford o chamou para um dos três papéis principais de "Precipícios dalma", onde êle apresentou uma "performance" de tal maneira destacada, que foi um dos 5 candidatos masculinos ao "Oscar" daquele ano.

Palance terminou há pouco "Segunda Chance", tecnicolor em Terceira Dimensão, tendo sido sua atuação bastante elogiada pela crítica norte-americana em geral.

Jack Palance, assim como Chuck Connors, possui uma personalidade forte e marcante, que compensa perfeitamente a sua falta de atrativos físicos.

JACK PALANCE

ESTÃO NA MODA!

Hollywood foi a um jôgo de "baseball" e voltou com um novo astro! Chuck Connors, o louro e simpático gigante que fazia parte do time, como um dos mais destacados elementos. Sua energia e destacada personalidade, a par de uma compleição atlética que chamava a atenção de todos, foram os responsáveis pelo contrato com que lhe acenou naquele mesmo dia um caçador de talentos da Warner Brothers. Logo depois, não era mais sua figura avantajada o que mais impressionava o pessoal do estúdio, mas a sua habilidade em representar um papel, com a sinceridade e a propriedade de um veterano e, por isso mesmo, conseguiu cedo um dos principais papéis em importante película como "Furacão de emoções", ao lado de Virginia Mayo e Burt Lancaster. E não devemos estranhar se em sua próxima aparição nos surja estrelando uma super-produção, ao lado de Joan Crawford, Bette Davis ou outra "estrêla" de alta cotação na Cidade do Cinema. E a fama, de que começa a gozar e que irá crescendo com cada uma de suas interpretações futuras, não a deve Chuck, certamente, aos seus dotes físicos, ou melhor, a um rosto bonito como o de um Tyrone Power, no início de sua carreira, ou como o de um Tony Curtis, tão admirado hoje em dia principalmente pelas meninas de colégio. Não, Chuck é um sujeito até bastante feio, embora sua fealdade seja até certo ponto simpática e agradável. De uma ou outra maneira, o que é certo é que sua personalidade forte já lhe granjeou uma pequena multidão de fãs nos Estados Unidos, o que sem dúvida acontecerá também no Brasil quando seus filmes forem exibidos.



CHUCK CONNORS

A CENA pergunta

GINGER ROGERS e JOSETTE BERTAL respondem





1 **Consta que você é temperamental. O que tem a dizer?**

2 **Onde conseguiu êsses cabelos tão lindos?**

3 **Gosta de ir ao cinema?**

4 **Qual o seu filme que mais lhe agradou?**

5 **Diga algo sôbre sua carreira, e um fato curioso relacionado com ela.**

6 **Já cometeu algum engano do qual se arrependesse?**

7 **Mencione três coisas que lhe desagradam.**

8 **Qual o fato que mais a aborreceu até hoje?**

GINGER ROGERS:

1 Absolutamente, não me considero temperamental. Pelo contrário, estou sempre alegre e bem disposta. Talvez tenha havido algum mal entendido; nem sempre dispomos de tempo suficiente para atender a todos os pedidos de entrevista. Um repórter não compreendeu isso e taxou-me de temperamental.

2 Tenho-os desde pequena — e cá entre nós, já faz bastante tempo! Mas . . . serão mesmo assim tão bonitos? Realmente, tenho algum cuidado com êles, escovando-os muitas vêzes tôdas as noites. Felizmente, não me dão muito trabalho.

3 Adoro o cinema; pelo menos, quatro vêzes por semana assisto a filmes. Os meus, vejo-os em casa mesmo, pois possuo um pequeno aparelho de projeção. Quanto aos dos colegas, prefiro fazer parte dos espectadores de um cinema.

4 Era «Kitty Foyle», mas depois «No Limiar da Vida» passou a fazer-lhe companhia.

5 Estou muito satisfeita com minha carreira, mas só ficarei plenamente contente quando fôr produtora de meus próprios filmes. A gente tem liberdade para fazer muita coisa que não se consegue quando se está prêsa a um contrato. Um fato curioso, se bem que bastante desagradável, foi a pretensa desavença e rivalidade que tive com Katharine Hepburn, o que é absolutamente destituído de verdade. Não sei de onde tiram isso!

6 Sim, sou humana, já cometi muitos enganos, mas acho que nenhum de gravidade.

7 Não gosto de crítica destrutiva e histórias inverídicas que escrevem a meu respeito; de que me chamam de «snob», só porque não me mostro muito em público, preferindo a vida do lar; e detesto êsse sensacionalismo barato tão comum no meio publicitário, criando muitas vêzes inimizades só para conseguir algo que interesse aos leitores, sempre ávidos por novidades, sejam lá de que gênero forem.

8 Justamente aquela desavença que inventaram sôbre minhas relações com Katharine Hepburn, a que já me referi.

JOSETTE BERTAL:

1 Essa impressão superficial deve ser conseqüência dos papéis que tenho interpretado. Quem me conhece não pensa assim.

2 Eu não consegui . . . A natureza me deu.

3 Sim. Acho o cinema uma distração educativa.

4 «Amei um bicheiro», especialmente por ter interpretado um papel de composição, oposto à minha própria personalidade.

5 Estou muito satisfeita por ter sido possível pertencer ao cinema brasileiro, indústria de grande futuro internacional. Um fato realmente curioso, foi eu ter sido escolhida, antes da minha vinda ao Brasil, para representar o papel de uma santa freira. A filmagem deveria ser feita três meses depois. Aproveitando êsse intervalo, vim ao Brasil, gostei, fiquei e ingressei no cinema num papel de «vamp».

6 Não. Sempre penso antes de agir e, se tivesse de repetir meus atos, acho que eu agiria da mesma maneira.

7 **a)** não achar táxi quando preciso; **b)** falta de água; **c)** ficar prêsa num elevador enguiçado.

8 A ocupação da França pelos alemães.

Hollywood em cena



Pier Angeli, um dos expoentes máximos da nova geração de Hollywood, tornou-se grande amiga da vetarana Joan Crawford, quando esta filmou na Metro «Se eu soubesse amar» (Torch Song).



Ann Blyth, que alcançou seu primeiro grande sucesso como filha de Joan Crawford em «Mildred Pierce», recebe a visita desta no «set» de «All the Brothers were valiants», onde aparece ao lado de Robert Taylor e Stewart Granger.

Jeanette Mac Donald está caudando grande sucesso numa temporada em Las Vegas, onde canta e dança no «Copa Room», estrelando um «show» em que aperece contracenando com dois cantores e bailarinos. Apesar da idade, Jeanette ainda se mostra linda e graciosa, extasiando a audiência com canções novas e velhos sucessos, como «Chamado do Amor Indiano», «A serenata do burrinho», e outras canções de seus filmes passados.



Yma Sumac assinou contratos para cantar em diversas capitais dos Estados Unidos, coincidindo as estréias com o lançamento de sua película recém-terminada, «Legend of the Incas» em cada local. Boa propaganda, não resta dúvida.

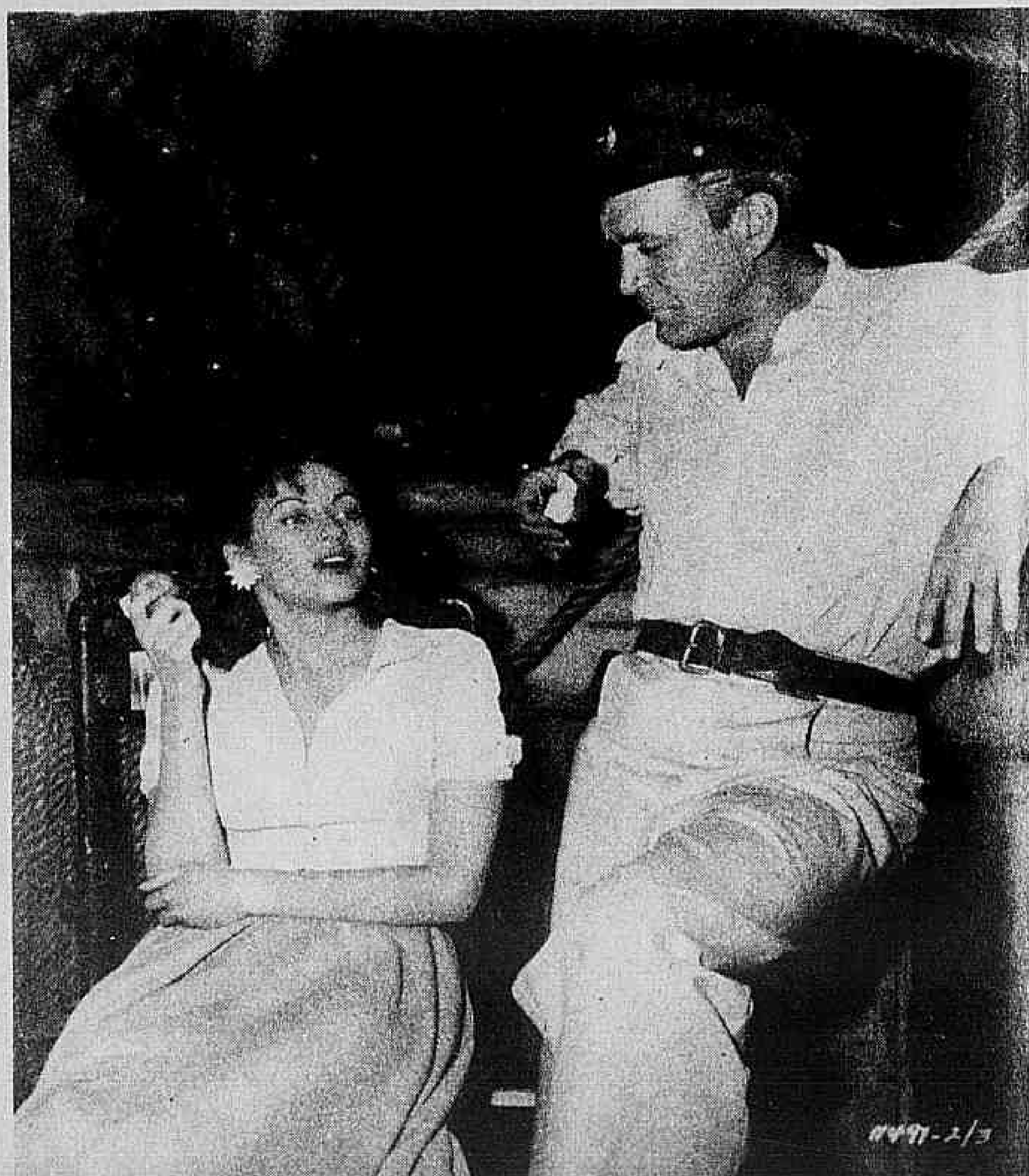


Frank Sinatra está novamente em forma, pois acaba de ser eleito «Rei dos



À esquerda: — Êsse Jerry Lewis... E' biruta mesmo! Ei-lo vestido de menina, ao lado de Dean Martin, entre cenas de «O biruta e o folgado», da Paramount.

À direita: — Yvone De Carlo e Forrest Tucker num bate-papo enquanto aguardam ordens para entrar em ação no tecnicolor «A rebelião dos piratas»



O diretor Joseph L. Mankiewitz explica uma cena de «Júlio César» a Louis Calhern e Marlon Brando.





Eis uma nova invenção dos técnicos de Hollywood: um aparelho para ensaio de voz, que permite aos artistas ouvirem suas próprias vozes com maior perfeição, apesar dos ruídos que possam fazer nas adjacências. Lauritz Melchior, Anna Maria Alberghetti e Rosemary Clooney acham a invenção muito útil e prática.

Barítonos» num concurso promovido pelas Fôrças Norte-Americanas de Network, para determinar o vocalista masculino dos soldados em serviço na Europa.



Se você estivesse em Hollywood a estas horas, caro leitor ou leitora, poderia comparecer ao «Wilshire Theatre» de Hollywood, e talvez sentar-se ao lado de seu favorito da tela, assistindo, ao mesmo tempo, à «première» mundial do segundo filme em Cinemascope da Fox, «Como agarrar um milionário». Isso, se pudesse dispor de CINCO dólares, preço da entrada. Mesmo com o dólar a cinqüenta cruzeiros como anda, somos capazes de apostar que você não lamentaria dispender essa importância. Estamos certos?



Lori Nelson acaba de conseguir uma boa chance, sendo contratada para um dos principais papéis de «Big Rainbow», da R.K.O., com Jane Russell e Gil Roland. Já que a jovem «estrêla» pertence

O diretor George Marshal e Charleton Heston, êste todo paramentado para seu papel de índio em «Trágica Emboscada».



ao estúdio da Universal, o fato de ter sido «emprestada» a outro é uma prova eloqüente de que sua carreira se acha em franca ascenção.



Lana Turner e Ricardo Montalban vêm aí falando português em «Meu amor brasileiro», da Metro. Com certeza ouviremos barbaridades como «muchacho», «buenas noches», «olé», etc., como sempre acontece em películas que pretendem focalizar nossa terra e nossos costumes.



Existe atualmente na Capital do Cinema um considerável número de companhias, grandes e pequenas, empenhadas na produção de filmes para televisão. Eis uma relação de parte delas, entre as quais encontramos alguns estúdios de primeira categoria que resolveram apoiar a televisão ao invés de combatê-la: Allan Studio, Autry Studio, Ziv-TV Corp., Columbia, Walt Disney, Hal Roach Studio, Eagle Lion, Sovereign Prod., Joan Davis Enterprises, Samuel Goldwyn, Roy Rogers Prods., Motion Picture Center, KTTV, Stage 5 Prods., R.K.O.-Pathé, William Boyd Prods., Loveton-Schubert Prods., Republic, Roland Lee Prods., Lewislor and D.P.I. Prods., N.B.C., General Service, Marterto Prods. Inc. D.P.I., McCadden Corp., Meridian Pictures Inc., e outras, tôdas produzindo séries de películas de meia hora de duração, especialmente para o vídeo.



Gary Merrill acaba de ser contratado para estrelar com Barbara Stanwyck e George Sanders, «Witness to Murder», produção de Chester Erskine e direção de Roy Rowland, para distribuição pela United Artists.



Um pequeno escândalo em Hollywood: Monique Coon Vooren deu uma grande festa, à qual compareceram numerosos cartazes da colônia cinematográfica, a fim de participar seu noivado com Steve Cochran. Teria corrido tudo muito bem, se não fôsse o fato de Steve não ter comparecido...

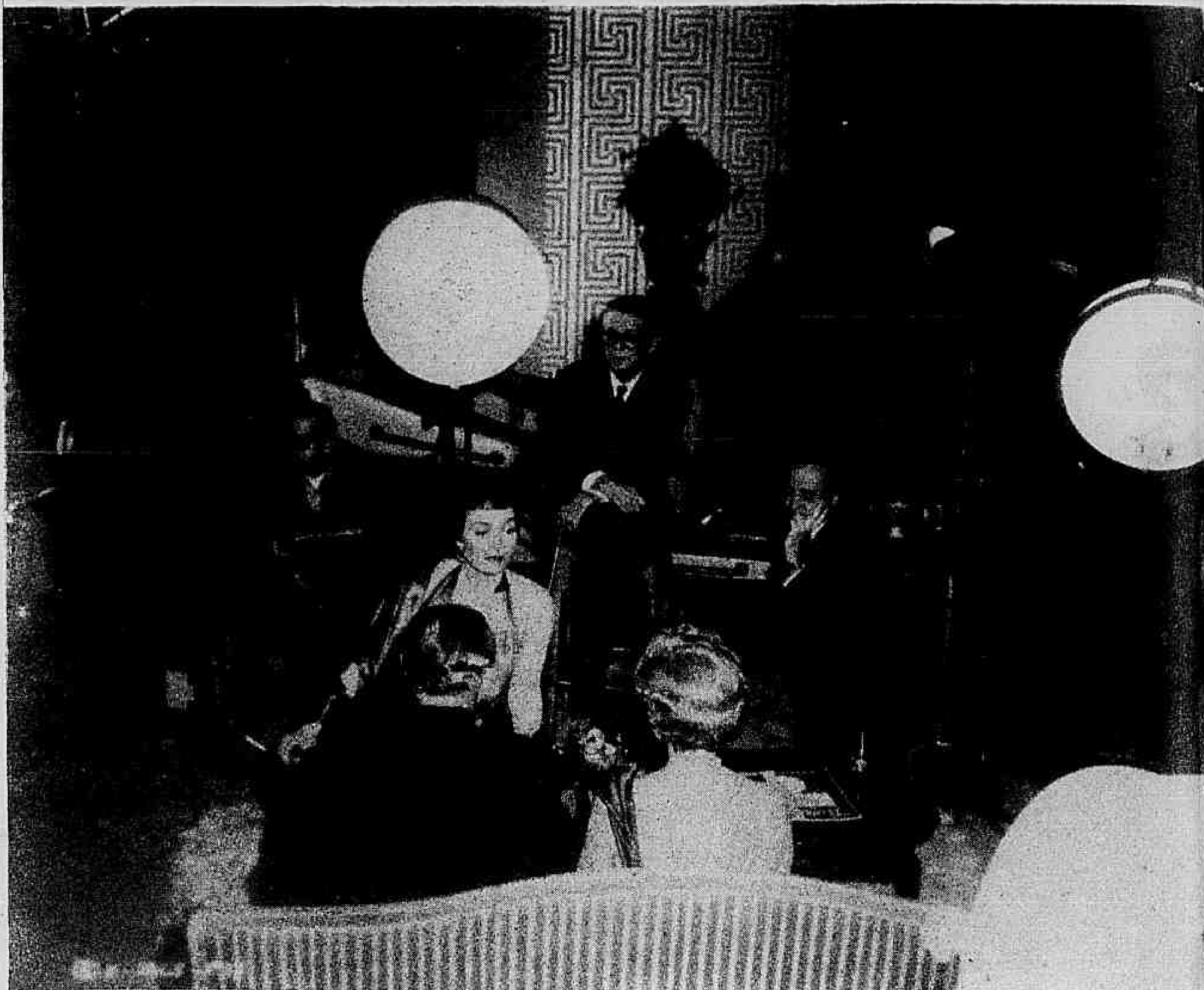


Lauren Bacall, que volta à tela em grande estilo, colorida e em relêvo, em «Como agarrar um milionário», ao lado de Marilyn Monroe e Betty Grable, não esconde seu grande desejo de estrelar com James Steart, «The Rear Window», nova produção de Alfred Hitchcok. Também, pudera! Filme de Hitchcok é sucesso garantido e Lauren parece disposta a reerguer seu nome que já estava tão alto antes de abandonar o cinema há uns três anos.



«Ben-Hur», um dos maiores êxitos do cinema mudo, estrelado por Ramon Novarro, será refilmado pela Metro, que deseja para o principal papel nada menos que Marlon Brando, a coqueluche atual.

Flagrante do ensaio de uma cena de «À meia-noite do amor», onde vemos Jane Wyman que interpreta uma garôta glamorosa e sofisticada.



FLAGRANTES DE PARIS

O famoso cineasta René Clair, ao receber a placa do Grande Prêmio do Cinema Francês, pelo filme «Les Belles de Nuit»



DOMINIQUE WILMES, ex-rainha das «cover-girls», mais conhecida por «La Greco Loura», vai estrear no cinema interpretando o principal papel no filme «La Mome Vert-De-Gris», sob a direção de Bernard Borderie.



Marcel Carné, ao centro, ensaia a grande «estrêla» Simone Signoret e o astro do cinema italiano, Raf Vallone, numa cena de «Therese Raquin», extraído do romance de Zola. — (Fotos AGIP).









«Grande Prêmio Internacional, o Leão de S. Marcos, do Festival de Veneza, em 952»

"TRA

BRINQUEDO PROIBIDO

(JEUX INTERDITS)

Diretor: René Clément

Distribuição da França Filmes do Brasil

EM 1940, diante do invasor nazista, o êxodo arrasta uma torrente humana pelas estradas da França. No tumulto em fuga, sob as metralhadoras dos "Stukas", Paulette (Brigitte Fossey), uma linda menina de 5 anos, se encontra de repente rodeada de cadáveres e entre êles os seus pais. Também está morto e pendurado em seus braços, o seu lindo e adorado cachorrinho. Inconscientemente ela se afasta pelo campo a dentro e vai ter numa fazenda onde vem a conhecer o menino Michel (Georges Poujouly), cujo irmão mais velho acabava de sofrer sério acidente, e entre as duas crianças nasce ràpidamente a amizade.

Michel sabendo que os pais de Paulette morreram durante o ataque aéreo nazista, resolve levar para a sua casa a sua nova amiguinha. No caminho Michel pede a Paulette que deixe ficar por ali o cachorrinho morto, prometendo-lhe, em seguida, arranjar-lhe outro mais bonito e vivo. Paulette encantada deixa ficar o cãozinho morto e segue com seu novo amiguinho. Os Dollé, pais de Michel, não recebem com entusiasmo a pequenina hóspede, porém, apesar de suas almas rudes e egoistas, não podem deixar de sorrir com simpatia para aquela linda criaturinha.

Envôlta num cobertor cedido gentilmente por Michel, Paulette dorme a sono sôlto numa cama improvisada. Quando começa a amanhecer, Michel se precipita para o seu lado, pois uma grande afeição havia nascido entre os dois pequeninos sêres. A menina, já inconcientemente coquete e exigente, se faz mimar por Michel, que está encantado com a sua protegida.

— "Onde estão meus pais?" — pergunta a menina. É Michel responde: — "Numa sepultura!"

— "Talvez por causa da chuva, para que não se molhem. Meu cachorrinho também precisa de uma sepultura" — diz Paulette.

Enquanto o pobre Georges, irmão de Michel, ferido por um cavalo, gemia em sua cama, a familia discutia, com ignorância, o que deviam fazer com o doente, como também o que fazer com a pequenina órfã. Michel tenta se meter na conversa, mas é advertido pelo pai, recebendo em seguida ordem para ir brincar com Paulette no campo. E as duas crianças tomam o caminho do Prado. Enquanto o gado pasta, Michel busca o cadáver já rigido do cachorrinho e propõe a Paulette fazer-lhe uma boa sepultura. Um cemitério de verdade como o das pessoas, onde estão juntos os mortos...

— "Por que os mortos ficam juntos?" — inquire Paulette.

— "Para que não se sintam sós" — responde Michel.

E para que o cachorro de Paulette não fique só, êles combinaram enterrar tôda classe de bichos no minúsculo cemitério em perspectiva.

LER

«Grande Prêmio Independente do Festival de Cannes, em 1952». — Escolhido pela crítica de New York como o «melhor filme estrangeiro do ano».



Como outro cachorro é difícil de obter, caçam topeiras, ratos, frangos e até mesmo uma serpente. Depois põem cruzes nos túmulos dos animais. E então no chão de terra de um velho moinho, começa a crescer um verdadeiro cemitério para animais mortos. As cruzes são construidas por Michel, com pedaços de madeira comum...

Enquanto isto, o estado de saúde de Georges piorou enormemente e êle está agonizante.

Como o médico local havia sido convocado para a guerra, só possuiam os remédios empíricos de todos os camponeses do mundo. Uns aconselham o álcool, outros o óleo de ricino, porém quando a terapêutica "adequada" é escolhida por unânimidade dos presentes, a morte chega e coroa a sua obra.



Neste momento chega da frente de batalha, como desertor, o filho dos Guard, a família vizinha, rivais dos Dollé

O filho dos Guard e Berta, embora sabedores da rivalidade entre suas famílias, amam-se apaixonadamente e encontram-se às escondidas dos pais, mas sob a vista indiscreta de Michel, que finge nada ver.

Michel continua a construir cruzes com pedaços de madeira comum, porém Paulette que não se contenta com facilidade, exige do amiguinho que as tais cruzes sejam de verdade, como as dos cemitérios grandes. Michel então, correndo todos os riscos, começa a arranjar cruzes de verdade para o cemitério de brinquedo, inclusive tenta tirar uma linda cruz que está no altar da igreja, mas é apanhado em flagrante pelo cura que se encontrava no local...

O desenlace começa a precipitar-se.



Quando um dia as duas famílias antagonistas se dedicavam a limpar as sepulturas de seus mortos, estranham novamente o suspeito desaparecimento das cruzes. Então trava-se no interior de uma cova recém-aberta, tremenda luta entre os dois chefes de família, mas de repente o cura intervém e põe bem claro que o autor do roubo das cruzes é Michel. O pai Dollé tenta arrancar de Michel o seu segrêdo em tôrno das cruzes, mas tanto o menino como a menina Paulette nada dizem... E assim estavam as coisas quando aparecem na casa dos Dollé dois soldados para levarem Paulette à sede da Cruz Vermelha.

A menina rompe a chorar ao perceber que vai separar-se de Michel. Michel revoltado, propõe: "Se não a levarem, direi onde estão as cruzes". "Isso nada tem a ver com as cruzes" — contesta o pai. Porém de repente pensa na fatura que terá de pagar pela reposição de tôdas as cruzes e decide enganar o filho prometendo-lhe que não deixará sua amiguinha ir embora. Ante esta promessa, Michel revela onde estão as cruzes...

Mas de nada adiantou a promessa do pai, pois Michel imediatamente começa a perceber que fôra enganado. Enquanto isso os soldados preparam-se para levar a menina, autorizados pelo sr. Dollé que assina todos os papéis necessários na frente do pequeno Michel que está mais do que revoltado com a falsa promessa de seu pai.



Pouco depois Michel presencia os soldados levarem a sua amiguinha Paulette que chora amargamente. O menino, furioso de dor e de raiva ao ver seus sentimentos enganados, corre ao cemitério de animais, e depreciando o castigo e furor do pai, joga longe, nas águas de um rio próximo, tôdas as cruzes, testemunhas mudas de tôda sua ternura por aquêle pequenino ser que arrebataram ao seu coração de menino.

Enquanto isso, no pôsto da Cruz Vermelha, quando perguntam a menina o seu nome, esta responde: — "Paulette... Paulette Dollé", como se êste impulso infantil pudesse, um dia no caminho de sua vida, tornar a encontrar o pequeno Michel Dollé...

LUIZ FERNANDES

escreve:

POR FALAR EM CINEMA NACIONAL...

...Carlos Lattini pretende iniciar agora em dezembro sua película «Contrabando», que produzirá e dirigirá, tendo já iniciado as devidas negociações com os artistas que integrarão o elenco, que são: Aurora Duarte, a linda morena que estrelou o filme de Cavalcânti, «O canto do mar», Roberto Betalin, Fernando Pereira e Júlie, a linda e loura «modêlo» da Casa Canadá. O diretor de fotografia será, também, o de «Canto do Mar», Ciril Arapof. A película, cujo argumento é de autoria de Eros Martim Gonçalves e Gasparino Damata, possui, como vemos, muitos elementos de sucesso.

★

...um certame assim, dá gôsto, mas é muito raro aparecer. Um certame como o «Festival Cinematográfico do Distrito Federal», que dá prêmios a Dóris Monteiro, como «a melhor atriz», a José Lewgoy, como «o melhor ator», a Paulo Vanderlei e Jorge Ileli, pela «melhor direção», a Alex Viany, pelo «melhor argumento», a Amleto Daisée, pela melhor fotografia, etc., etc. Reflete, realmente, a opinião pública e reconhece o valor e o merecimento dos contemplados. Estamos todos de parabéns por êsse resultado!...

★

...a encantadora Marlene, cujo aniversário transcorreu no dia 22 de novembro último, teve de se multiplicar para receber tôdas as homenagens que lhe foram tributadas pelo acontecimento. Basta dizer-se que as comemorações à data iniciaram-se uma semana antes, e cada dia a querida «estrêla» era convidada de honra num programa de rádio diferente, no palco do Teatro Rival, onde representava na peça «Angelina e o dentista», duas vêzes no Teatro João Caetano, em diversos clubes Marlenistas, etc. Ficou cabalmente provado que a encantadora Marlene é, se não a MAIOR, uma das MAIORES!...

★

...a Multifilmes já está com diversos filmes prontos para serem apresentados ao público, a saber: «O Craque», com Carlos Alberto, Eva Vilma e Herval Rossano; «Fatalidade», com Angelika Hauff, Guido Lazzarini e Liska Ayde; «A Sogra», com Procópio, Eva Vilma, Herval Rossano e Ludy Veloso; «Chamas no Cafèzal», com Angelika Hauff, Luigi Picchi, Guido Lazzarini e Célia Helena; e «Uma vida par dois», o primeiro dêles a ser exibido, com Orlando Vilar, Liana Duval e Luigi Picchi.

★

A filmagem de «Maria Madalena», no Brasil, por conta da «Argentina Sono Film», começa a dar seus frutos no que diz respeito a uma aproximação defini-



Jaime Costa e Nélia Paula são observados por dois outros integrantes do elenco de «Tôda a vida em 15 minutos», da Sociebras Ltda., dirigido por Pereira Dias. Nélia tem uma parte pequena no filme, mas aprovou 100%.

Fernando Pereira, aqui numa ótima expressão para «Luz Apagada», da Vera Cruz, será um dos principais artistas de «Contrabando», pelicula a ser iniciada em dezembro por Mário Lattini, produtor e diretor da mesma.

tiva entre os produtores brasileiros e argentinos. Durante a permanência nesta cidade do sr. Atilio Mentasti, chefe de produção dos estúdios da «Argentina Sono Film», houve uma aproximação cordial entre a «Atlântida Cinematográfica S. A.» e a «Depaf» (Distribuidora e Produtora Americana de Filmes), organização nacional que representa os interêsses da «Argentina Sono Film» no país. Os dirigentes das duas importantes emprêsas chegaram a um perfeito acôrdo, para a filmagem no Brasil de uma produção cujo assunto permita que a mesma adquira extraordinária projeção no cenário internacional do cinema, de uma maneira como até o prèsente momento não se conseguiu.

Flagrante do acôrdo recentemente firmado entre a «Argentina Sono Film» e a Atlântida, para co-produções argentino-brasileiras.



ASTROS E ESTRELAS DO CINEMA NACIONAL

HOMENAGEADOS NO 1º ANIVERSÁRIO DO CLUBE DE CINEMA DE MARÍLIA

Mariza Prado, Fernando de Barros, Gilda Nery, Ruth de Souza, Maurício Barroso, Hélio Souto e o assistente de direção Lourenço foram os inesquecíveis visitantes, que emprestaram maior brilho ao grande baile de comemoração ao 1º aniversário do Clube de Cinema de Marília.



Mariza Prado, Gilda Nery, Maurício de Barros e Lourenço Pereira divertem-se com um papagaio na residência do sr. Luís Batisteti, em Marília.

Texto de ROBERTO CIMINO ★ Fotos de SEBASTIÃO LEME

O povo de Marília vibrou com os festejos do primeiro aniversário do seu Clube de Cinema; ainda mais com a presença de famosos «astros» e cineastas da nossa cinematografia. Convidados pelo Clube de Cinema de Marília, aqui aportaram dia 31 de outubro p.p., pelo avião da VASP, os famosos intérpretes de «Sinhá Moça» (Ruth de Souza), «Uma Pulga na Balança» (Gilda Nery), «Destino em Apuros» (Hélio Souto), « O Cangaceiro » (Mariza Prado), «Apassionata» e «Caminhos do Sul», como diretor (Fernando de Barros) e o futuro intérprete de «Ana Terra», o não menos famoso ator do Teatro Brasileiro de Comédias, Maurício Barroso e mais a presença do assistente de direção da Vera Cruz, Lourenço; que aqui estiveram emprestando grande brilho ao baile «Surprêsas da Cinelândia», realizado no «Rancho Alegre».

Jamais o povo desta cidade poderá olvidar os dois grandes dias que tiveram ao contacto com os citados «astros», num elo de intensa harmonia e prestígio ao cinema da terra.

No dia seguinte após o monumental baile, foram convidados os visitantes a um «coquetel», em casa particular, de propriedade do sr. Luís Battistetti, progenitor do jovem Fausto Battistetti, vice-presidente do Clube de Cinema, onde encontraram uma legião de fãs, sócios e estudantes, que não se continham em manifestar o desejo de conhecer os famosos «astros» da nossa cinematografia, impondo-lhes a obrigação de autografarem as fotos, recém-tiradas no aeroporto local.

Desta forma, mais um tento foi marcado pelo Clube de Cinema de Marília, entidade que dia a dia vai-se tornando famosa pela vasta área brasileira.



Mariza Prado, Gilda Nery, Maurício de Barros e Ruth de Souza, no «Rancho Alegre», de Marília, onde se realizou o baile «Surprêsas da Cinelândia».

Flagrante do coquetel oferecido aos visitantes, onde vemos, além dos artistas Maurício Barroso, Ruth de Souza, Mariza Prado, Gilda Nery, Hélio Souto, os cineastas Fernando de Barros e Lourenço Pereira, os rapazes são da diretoria do Clube de Cinema de Marília.



Uma voltinha pelos estúdios

EU sei perfeitamente que muitos de vocês estão desgostosos com o resultado da eleição da «Rainha do Cinema Brasileiro», que recaíu na pessoa de Marly Sorel, coadjuvante de três filmes, «Maria da Praia», «Está com tudo» e «Era uma vez um vagabundo», mas controlem-se, pois estamos fazendo parte de um churrasco oferecido a ela nos estúdios da «Flama» pelo «Festival do Cinema do Rio de Janeiro». Como vêem, está tudo muito agradável, com tôdas estas mesas colocadas nos jardins do estúdio, muitos ramalhetes de flores que serão oferecidos às «estrêlas» no final do almôço, e muita gente conhecida nossa. Vejam, ali está Sua Majestade naquela mesa principal, quase escondida atrás daquela profusão de flores. Não a estão reconhecendo? E' porque nunca a haviam visto em pessoa, não é? E, também, porque em todos aquêles filmes ela se apresentava louríssima, de cabelos compridos, e agora cortou-os bem curtos, trocando-lhes a côr por uma bem escura, quase preta. Não lhe ficam mal, mas que era muito mais linda quando loura, vocês têm tôda razão!

Aqui está nosso amigo Sidney Loghardey, que nos vai levar à presença da «Rainha» para nos apresentar. Sim, eu gostaria de conversar um pouco com ela, e vocês? Claro que sim, não é? Mas a encantadora Dóris Monteiro está indocil, e pretende se retirar logo, por questões de horário a que tem de obedecer na Rádio Tupi e na Tamoio, portanto, primeiramente vamos falar com ela. «Então, Dóris, como vão os «noivos»? Qual é o atual, êste?» Viram a gargalhada gostosa que ela deu? Que mancada a minha, hein? Trata-se do Carlos Alberto, novo galã de cinema, que com ela estrelou «Rua sem sol» e já filmara na Multifilmes, em S. Paulo, «O craque», ainda não exibidos. Não é de admirar que ninguém, dentre nós, o conhecesse. Ouviram o que êle me disse? «Não quero dar entrevistas, não desejo falar à imprensa, pois o que eu pudesse dizer não interessaria a ninguém. Sou um desconhecido e só quando meus filmes forem exibidos o público resolverá se dou ou não para a «coisa».

Vocês têm razão! Foi exatamente o que eu lhe disse. Êle está muito errado, pois um artista, por melhor que seja, não deve desprezar a publicidade, **principalmente** quando está começando, é um simples desconhecido, como nos disse. Há até casos em que o ator ou a «estrêla» não valem nada, mas sua propaganda é de tal maneira bem preparada que quando êles surgem numa tela já são conhecidos e se tornam até simpáticos ao público, muitas vêzes pela única razão de sua figura ter-se tornado familiar. Esperamos que o Carlos mude seu modo de pensar, em seu próprio benefício.

Mas, voltando à Dóris, vocês repararam como ela mudou de expressão quando começou a falar sèriamente sôbre os «noivos» que lhe estão arranjando freqüentemente? Não está achando graça alguma nisso, apesar de se tratar de publicidade em tôrno de seu nome. Disse que êsse assunto não deve ser levado na brincadeira. E' romântica e encara o lado sentimental de sua vida com seriedade, aliás, como faz com tudo o mais.

O tempo está passando, vamos dar uma olhadela para ver quem está por aqui. Ali está a loura e linda Josette Bertal! Estranham sua pintura exagerada?! Não, absolutamente, ela não abusa assim da pintura. Acontece que acabou de filmar uma cena de «Carnaval em Caxias», em que se casa com José «Honório Boa-morte» Lewgoy, e daqui a pouco estará novamente enfrentando a «camera». Não havia de tirar tôda a «maquillage» só para comparecer ao churrasco, não acham? Mesmo porque, não daria tempo. Quem é aquêle casal muito afastado, em grandes confabulações? Ah, é a linda Aurora Duarte, de «Canto do Mar», que conversa demoradamente com o Severiano Ribeiro Júnior. Na certa ela irá aparecer em alguma produção da Atlântida!... E por falar em «casais», sim, são êles, sim, sempre afastados da multidão, tendo olhos só um para o outro. O parzinho mais simpático do cinema nacional: Miriam Tereza, filha de Oscarito, e Adriano Reis, que aparecem juntos em «Três Recrutas», continuando o romance na vida real. Reparem bem, que reconhecerão outros conhecidos seus, Emílio Castelar e Jece Valadão, de «Nobreza Gaúcha», em filmagem, Ariston, José Lewgoy e outros. Assim mesmo, falta muita gente que esperávamos encontrar por aqui, como Maria Fernanda, Fada Santoro, Eliana, os Irmãos Farney, Roberto Batalin, etc. Falta de tempo ou não quiseram mesmo homenagear a «Rainha»?...

Bem, com essa o melhor que temos a fazer é ir saindo de fininho...

Por LUIZ FERNANDES

CINE-NOVELA

A UM PASSO DA ETERNIDADE

(FROM HERE TO ETERNITY)

ELENCO

Sargento Milton Warden..**Burt Lancaster**
Prewitt..................**Montgomery Clift**
Karen Holmes..............**Deborah Kerr**
Lorene......................**Donna Reed**
Angelo Mazzio..............**Frank Sinatra**
Capitão Dana Holmes........**Philip Ober**
Sargento Leva......**Mickey Shaughnessy**
Mazzioli....................**Harry Bellaver**
Sargento «Satso» Judson..**Ernest Borgnine**
Buckley.....................**Jack Warden**
Sargento Ike Galovitch......**John Dennis**

Um filme da **COLUMBIA PICTURE**

Dirigido por **Fred Zinnemann**



Karen era casada com o Capitão, mas Milton Warden a amava e compreendia perfeitamente porque ela se descuidava tanto da reputação.

NAQUELA manhã de junho de 1941, Robert E. Lee Prewitt chegava a Schofield Barracks, perto de Pearl Harbor, transferido que fôra, de Fort Shafter. Sentia-se feliz porque iria servir no mesmo regimento onde se encontrava seu velho amigo, Angelo Maggio, um camarada dinâmico, engraçado e sempre bem humorado. O lado mau da questão era o capitão Dana Holmes; treinador de box do regimento, Holmes desejava de tôda a forma um time vencedor, e eram conhecidas as altas qualidades de Prewitt como boxeador. Êle era, mesmo, o melhor pêso médio do Exército no Havaí, mas aquêle acidente no ano anterior não lhe saía da memória: por sua causa, um bom rapaz como Dixie Wells havia ficado cego para sempre. Prew tomara a decisão de jamais voltar a lutar. Logo em seu primeiro encontro, Holmes procurou convencê-lo de que estava errado.

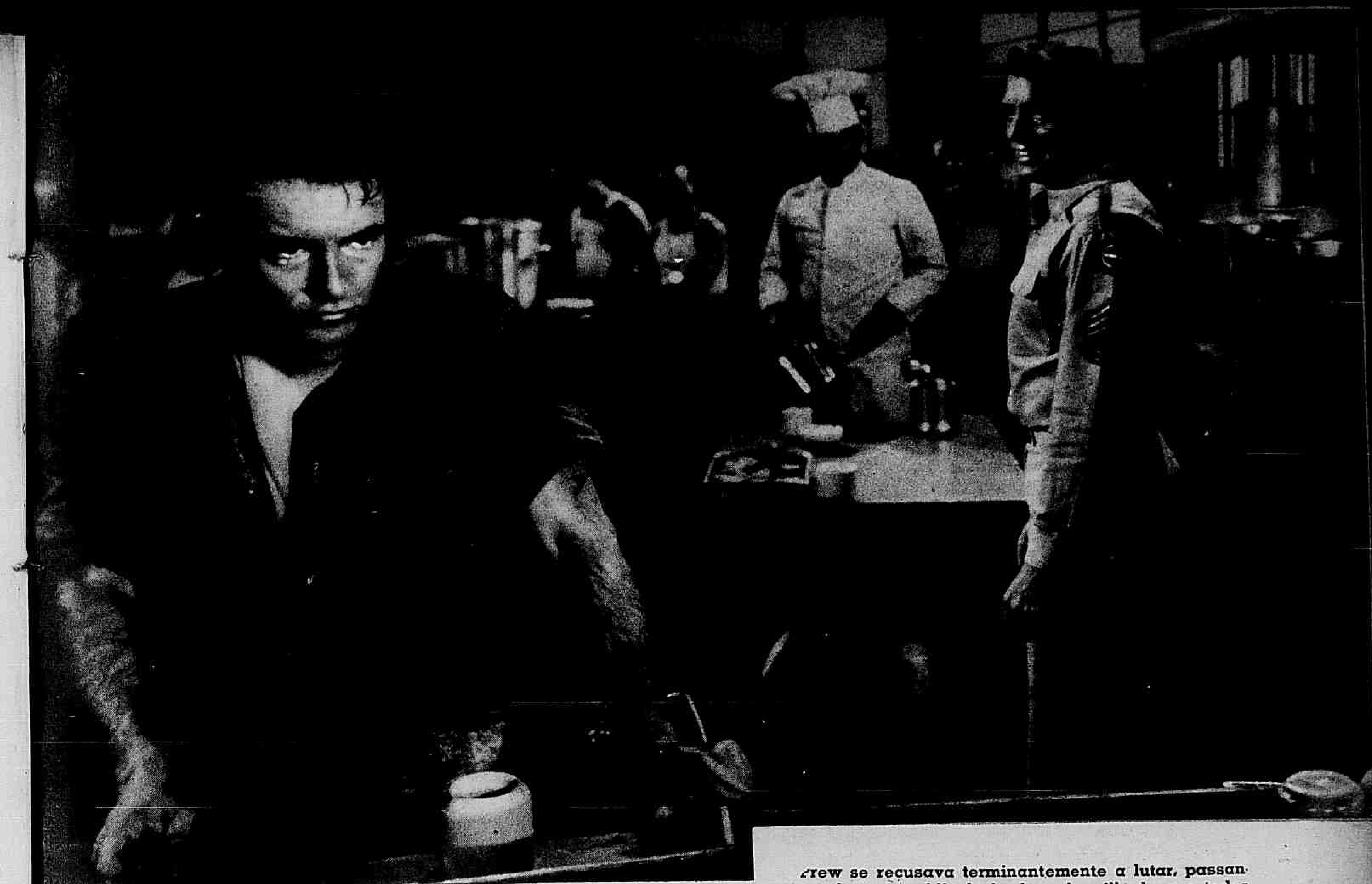
«É o mesmo que se resolver a acabar com a guerra porque um homem foi morto», disse êle ao rapaz. «Olhe, Prewitt, nosso programa de lutas é a melhor coisa que possuímos para levantar a moral da turma». Holmes sabia que Prew era corneteiro em Fort Shafter, pôsto êsse que perdera para um outro que era protegido do chefe. Pensou um pouco e disse: «Prewitt, não estou contente com o cornêteiro da companhia. O que acha do lugar?...»

«Se dependesse de eu lutar, jamais o desejaria, senhor. Deixei o box para sempre.»

O capitão lançou-lhe um olhar rápido: «Bem, não queremos obrigá-lo a coisa alguma».

Não, não queriam obrigá-lo a coisa alguma... Não pensava dessa maneira o sargento Milton Warden. E foi bem explícito: «Você tem de lutar, Prewitt. O capitão Holmes deseja ser «Major» e acha que o será se possuir um time vencedor. E você compreende, meu dever é zelar pelo bem-estar do capitão...»

Warden estava quase certo. Prew recorreu a todo o seu esfôrço para aturar o «tratamento» que lhe foi dispensado: ao invés do pôsto de corneteiro que êle tanto apreciava, deram-lhe as piores tarefas que havia, como lavar o chão, os sanitários, recolher o lixo, etc. Procuravam irritá-lo a todo o custo, principalmente os boxeadores da companhia, que viviam a provocá-lo com empurrões e gracejos. Prew tudo aguentava, e ao rever Warden, disse-lhe entre dentes: «Se você pensa que pode me convencer a lutar com êsses métodos, está muito enganado, Warden. Nem você, nem o «Dinamite» Holmes, nem o «tratamento» que estão me dispensando!» E o rapaz sabia o que dizia.



«rew se recusava terminantemente a lutar, passan-
sando a ser ridicularizado e humilhado por todos.



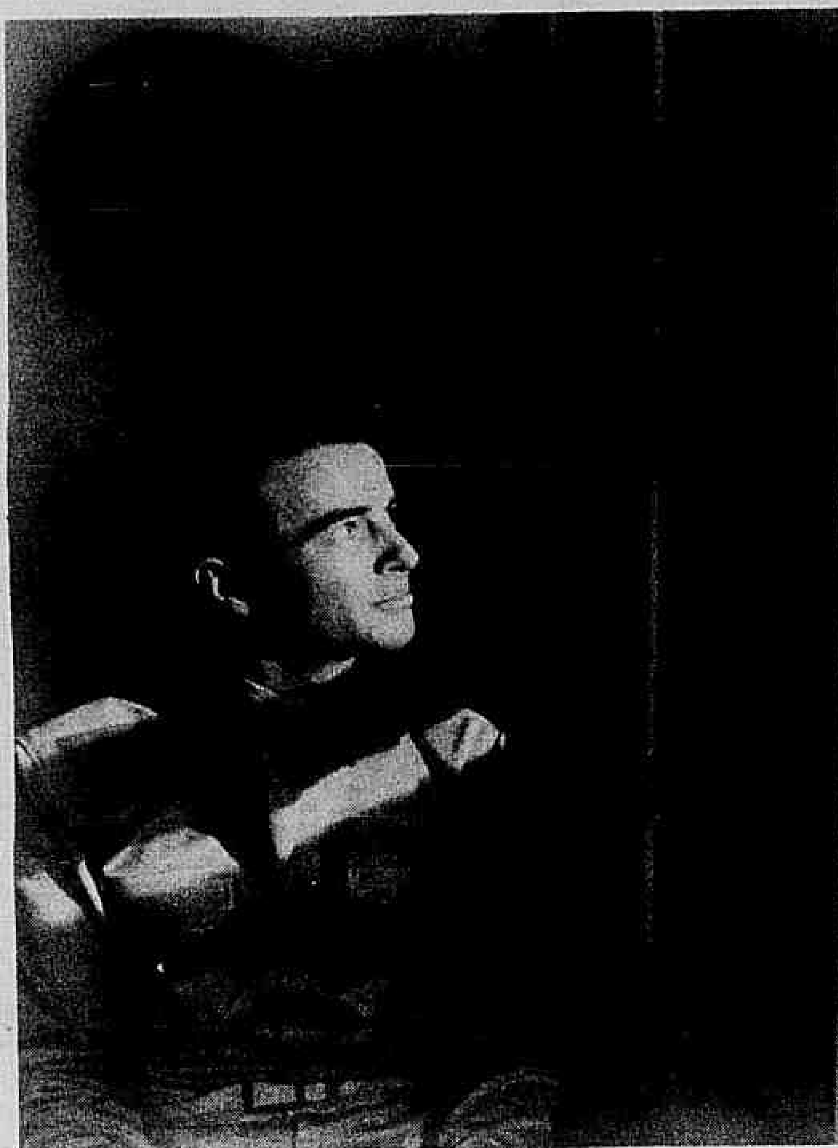
a um passo da eternidade

Milt Warden, veterano no Exército, por sua vez, irritava-se com a atitude do rapaz, que ia contra o desejo do resto do pessoal. E sabia que mais cedo ou mais tarde êle haveria de ceder. Pensara até em conseguir do capitão Holmes que aliviasse um pouco a vida atribulada que estava levando Prew. Mas havia Karen... e Karen era a espôsa do Capitão. Warden amava-a. Amara-a desde o primeiro dia que a vira, chegando ao Pôsto, e mesmo tendo conhecimento das histórias escandalosas que se contava a respeito da linda Karen. Fazia pouco tempo que se tornara um pouco mais íntimo da moça e desculpava-a por tudo que fazia. Seu marido não a amava, e lhe era infiel desde o início do casamento. Na própria noite do nascimento do filhinho do casal, Dana Holmes achava-se ausente... nos braços de outra mulher! E a criança nascera morta, por falta de alguém que levasse Karen às pressas para o hospital. Desiludida e amargurada, ela não mais ligava à reputação há muitos anos. E ali, no Havaí, ela e Warden se conheceram, passando a ser o acontecimento mais importante na vida do sargento. Para êle, Karen era muito mais importante que o próprio Exército, e passara a detestar o capitão a ponto de constituir um verdadeiro sacrifício até bater-lhe continência. Não, êle não iria prejudicar o capitão, nem ao menos por causa de um rapaz de caráter como Prewitt. Continuaria «zelando pelo bem-estar do capitão», fingindo-se de amigo, para que êle nunca suspeitasse de suas relações com Karen...



A vida de Prew se tornava cada vez mais difícil, a pressão dos companheiros aumentando sempre, mas êle nem pensava em ceder. Sòmente Maggio parecia compreendê-lo. «Sei como se sente», disse-lhe. «É como se estivesse colocado numa caixa duas vêzes menor que o seu tamanho. Sente-se sufocado, principalmente ouvindo fora dela o mundo a se locomover, a se divertir...»

Foi Maggio, ainda, quem o induziu uma noite a se vestir à paisana e visitar os bares em sua companhia. Foram dar com os costados num clube chamado «Novo Congresso», pois Maggio possuía um cartão de sócio. A dona chamava-se Kipfer, e era elegante. A única exigência que fêz foi com relação ao pagamento de quatro dólares pelo cartão de sócio de Prew. O lugar estava repleto de soldados e marinheiros. Maggio arranjou logo uma pequena de nome Sandra e foram dançar, deixando Prew sòzinho.





Maggio era o único amigo de Prewitt, alegrando-o e estimulando-o sempre que possível.

Olhando em volta, êste reparou numa garôta bonita e morena que, sentada num sofá, lia uma revista sem prestar a mínima atenção ao reboliço existente na sala. Aproximando-se dela, perguntou: «Muito ocupada?»

Ela sacudiu a cabeça negativamente. «Meu nome é Lorene». Prew senta-se ao seu lado, e ela continua: «Você me agrada. Gostei de você assim que o vi entrar».

«O mesmo aconteceu comigo, ao vê-la sentada aqui», apressou-se o rapaz a dizer. Nesse momento, Maggio começou a discutir com Fatso, apelido do sargento Judson, que batucava no piano. Prew, pedindo licença, dirigiu-se para onde estava o amigo e, ajudado por Sandra, conseguiu fazer com que êle voltasse a dançar com a pequena. Prew, procurando por Lorene, viu-a conversando com outro soldado, o que não lhe agradou muito. Assim que o soldado se afastou, êle começou a reclamar, mas a moça o fêz calar, dizendo: «Para quê você pensa que Mrs. Kipfer nos paga? É para divertirmos **todos** os rapazes e não um só». Se por um lado, ela se zangava com o aparente ciúme do rapaz, por outro se sentia satisfeita. Prew, a contragôsto, balbuciou: «está bem, desculpe-me».

«Vamos subir para a sala de Mrs. Kipfer?» — pergunta Lorene. «Ela nos deixa usá-la uma vez ou outra, quando se trata de alguém muito especial...»

Nem bem haviam entrado na sala, a porta se abriu e apareceu Maggio, já um tanto «alto», com uma garrafa de bebida na mão. «Imaginei que vocês poderiam querer tomar um drinque», diz, e depois de esvaziar um copo na companhia do casal, desapareceu novamente, à procura de Sandra.

Quando Lorene se apercebeu, estava contando a Prew a história de sua vida. Era de Oregon, onde se dava com um dos mais ricos rapazes, mas êle se casara com outra, de nível social mais elevado. A moça retirara-se, então, da cidade, disposta a voltar um dia com muito dinheiro, para nunca mais sofrer humilhações. Prew, em seguida, contou-lhe seus aborrecimentos no regimento. Isso muito o aliviou, e naquele momento, tudo o mais parecia-lhe insiginificante: capitão Holmes, sargento Warden, o «tratamento», etc. **(continua no próximo número)**

AQUELA do Lulu de Barros foi boa: fazer um desafio aos cronistas, no sentido de que os mesmos lhe enviassem bons argumentos para filmar. Ora, ora, não há falta de histórias interessantes, Lulu. O que não existe é mesmo capacidade para transformá-las em películas decentes!

CARLOS Manga não foi bem sucedido — pela primeira vez — daquele malfadado «Dupla do Barulho». Vamos ver se mostrará algum entendimento da matéria «o mais jovem diretor nacional», em sua próxima tentativa. Caso contrário, o melhor será lançar mão de outros menos «jovens» . . .

EM alguns coquetéis realizados ùltimamente dava até pena ver o esfôrço que certos «astros» e «estrêlas» faziam para «aparecer», principalmente o elemento feminino. «Estrelinhas» foram vistas dando cotoveladas e empurrões na hora do «flash» estourar, mas acabavam sendo vistas ao lado de um figurão qualquer, como Glenn Ford, Debbie Reynolds, etc.

NÃO resta dúvida: a propalada «simplicidade» de Eliane Lage fora da tela chama muito mais a atenção que o espalhafato e falta de gôsto de certas «estrêlas» louras e bonitas que conhecemos . . .

ACONTECE cada uma em nossa cinematografia! Até se **esqueceram** de colocar o nome de um dos principais intérpretes na apresentação do elenco. Em «O homem dos papagaios», da Multifilmes, foi omitido o nome de Herval Rossano. Vai ficar por isso mesmo, «seu» Herval? . . .

MERECEU todo o nosso respeito e apoio o desenho de Anélio Latini, «Sinfonia Amazônica», pela iniciativa, fôrça de vontade e perseverança do valoroso rapaz. Mas só por isso, pois o desenho em si decepcionou. Quem sabe, se êle tivesse começado pelos de curta metragem? . . . Um dia chegaria lá, indubitàvelmente.

URROS, verdadeiros urros é o que temos vontade de dar ao assistir a certas «coisas» que a nossa censura, em seus habituais cochilos, deixa passar como «fita de cinema» e, ainda por cima, «de boa qualidade». O mais interessante é que muita gente já não se contém e urra mesmo, como aconteceu durante a exibição de «Luzes nas Sombras», por exemplo.

DINAH Mezzomo é outra que decididamente não anda com sorte. Contratada pela Vera Cruz, a «estrêla» de «Maria da Praia» continua «encostada», nem se falando mais no filme em que estrelaria lá, «Helena», de Machado de Assis. Enfim, «quem foi rainha . . .» (é bom lembrar que ela já foi «Rainha do Cinema» num dos últimos anos).

AQUÊLE filme BRASILEIRO da Multifilmes vem aí: «FATALIDADE». Argumento e direção de Jacques Maret, FRANCÊS; «estrêla», Angelika Hauff, ALEMÃ; «astro», Guido Lazzarini, ITALIANO; coadjuvante feminina, Lisca Ayde, NORUEGUESA; diretor-geral de produção, Mario Civelli, ITALIANO; diretor de fotografia, GIULIO DE LUCA, vocês sabem de que nacionalidade . . . É . . . Um filme BRASILEIRO! . . .

Por colaboradores diversos, inclusive os leitores de A CENA

ABSURDOS

Um artista do nosso cinema achar que não precisa de publicidade . . .



A «tela panorâmica» exibindo películas filmadas para telas comuns, resultando em cortes nas partes superiores e inferiores, com apresentação, portanto, de cenas totalmente mal enquadradas.



A decantada «infantilidade» de Patrícia Lacerda, como desculpa à sua freqüente falta de responsabilidade. A garota já está beirando a casa dos vinte! . . .



Bette Davis pretender interpretar um daqueles papéis que fizeram Dorothy Lamour famosa, de sarong, cabeleira comprida, etc., etc. Apareceria sem o indefectível cigarro entre os dedos?



PREMIANDO A MOCIDADF ESTUDIOSA

A NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS OFERECE VIAGENS AOS VENCEDORES DO CONCURSO DA «SEMANA DA ASA»



Como parte das comemorações da «Semana da Asa», dêste ano, o Ministério da Aeronáutica, em combinação com o Ministério de Educação e Cultura, instituiu um interessante concurso entre alunos de cursos secundários, para a apresentação de teses sôbre a aviação. Um número incontável de estudantes participou do certame, fato aliás que veio dar ensejo à observação do elevado grau de conhecimentos e do entusiasmo da juventude pelos assuntos aeronáuticos. Entre os prêmios aos alunos classificados, foi recebida com a mais expressiva satisfação a oferta da Nacional Transportes Aéreos, colocando à disposição dos estudantes viagens e estadas em Belo Horizonte, pois êsse oferecimento veio corresponder a um desejo dos escolares de conhecer a moderna capital mineira, a sua famosa igreja de Pampulha, outros passeios não menos pitorescos, que bem caracterizam a bela metrópole montanhesa. Um grupo de alunos do Instituto Carlos A. Werneck, de Petrópolis, formaram entre os vencedores do concurso e a fotografia que estampamos é do momento do embarque dos colegiais num dos aviões da Nacional Transportes Aéreos que, diàriamente, voam para à capital mineira. Após gozar as magníficas «férias» que a importante emprêsa de aviação lhes proporcionou, os estudantes, que se fizeram acompanhar de professôres, de regresso transmitiram suas impressões de viagem à diretoria do Instituto Carlos A. Werneck, tendo o seu diretor, nessa oportunidade, dirigido à Nacional Transportes Aéreos o seguinte ofício:

«Venho, pelo presente, em nome de meus alunos e professôres e no meu próprio, agradecer-vos de forma muito sincera a magnífica excursão que proporcionastes aos alunos desta escola, vencedores do concurso realizado na Semana da Asa, promovido pelo Ministério da Aeronáutica e pelo Ministério da Educação e Cultura.

As gentilezas com que comulastes os componentes da equipe vitoriosa dêste colégio, a segurança com que foram realizados os vôos de ida e volta a Belo Horizonte e a fidalguia com que foram tratados os alunos e os professôres no magnífico hotel que para êles escolhestes, calaram fundo no espírito dos estudantes vitoriosos bem como no de todos os alunos que estudam neste estabelecimento.

Gestos como o vosso, proporcionando à mocidade estudiosa de nossa terra oportunidade de viajar em condições tão seguras e favoráveis, demonstram claramente que os órgãos diretores de nossas companhias de transportes aerovários possuem uma noção bem elevada do que seja a obra de divulgação cultural em que todos estamos empenhados no Brasil, por isso merecendo todo o nosso respeito e gratidão.

É assim, muito a vontade, Sr. Presidente, que vos envio meus mais efusivos agradecimentos.

Cordialmente vosso, (a) **Dr. Carlos A. Werneck, diretor.**

"Querida Marlene..."

Catarina Menegazzo — Rua Minas Gerais, 81 — Londrina, Paraná.

... «o seu nome verdadeiro.»

«Vitória Bonaiuti Delfino dos Santos.»

... «onde e quando nasceu?»

«Em S. Paulo, a 22 de novembro.»

★

Walda Maria Diconeilli — Colônia Santa Tereza. Caixa Postal, 106, Florianópolis, Santa Catarina.

«... pretendemos fundar em Florianópolis um «Fã-Clube». Você concorda?»

«Só me darão prazer com isso.»

★

Dilma Dumond — Rua Tavares de Macedo, 46. Icaraí, Niterói, E. do Rio.

«... de saber a que você se dedicava antes de entrar para o rádio.»

«Era secretária num escritório.»

«... se pretende ter filhos e quantos.»

«Claro! Uma dúzia...»

«... qual a sua música que obteve mais sucesso?»

«Uma delas foi «Lata dágua».

«... a batucada «Meu baião» tem vendido muito?»

«Bastante, graças a Deus.»

«... porque você não faz uma temporada aqui, no Teatro Municipal de Niterói?»

«Já estamos pensando nisso.»

★

Eunice Moreira — Belo Horizonte, Minas.

«... desejo saber se você pretende excursionar com a sua Companhia Teatral, e quando.»

«Sim, para o ano, se Deus quiser.»

«... Belo Horizonte estaria incluída em seus planos de viagem?»

«Talvez nossa estréia se dê justamente em Belo Horizonte.»

«... o que você acha que compensa mais ao artista: o rádio, o teatro ou o cinema?»

«Todos êsses setores compensam igualmente.»

★

Maria Tereza M. de Araújo — S. Cristóvão, Rio.

«... qual o seu maior sucesso em disco?»

«De Carnaval, «Lata Dágua»; fora dêle, «Que nem giló», foram os principais.»

«... porque você não grava u'a música do Ari Barroso?»

«Gravei agora, para lançamento depois do Carnaval, «Os Quindins de Iaiá».

«... Quantas músicas você já compôs?»

«Umas 8 mais ou menos. No entanto, só uma foi gravada: «A grande verdade», por Dalva de Oliveira.»

«... se você pretende excursionar ao estrangeiro.»

«Claro que sim; creio que para o ano.»

★

Dilma — Niterói, Estado do Rio.

«... sua idade.»

«Tenho 29 anos.»

«... será que em um dos seus próximos programas você poderá levar o querido Luís Vieira?»

«Êle estará presente numa das próximas quinta-feiras.»

«... em qual peça você se sentiu melhor, em «Depois do Casamento», ou em «Angelina e o Dentista»?

«Nas duas, pois são de gêneros tão diferentes.»

«... o primeiro filme em que você tomou parte.»

«Pif-Paf».

«... será que você poderia regravar «Swing no Morro»?

«Será preciso? Parece-me que êsse disco está novamente a venda.»

★

Tânia R. da Silva — Penha, Rio.

«... se é verdade que vai se candidatar a Rainha do Rádio.»

«Não, meu amor.»

«... você gosta de crianças?»

«Adoro-as.»

«... quantas faixas você tem?»

«Agora, já perdi a conta. Francamente, não sei mais, são tantas!»

«... você gosta de presentes, como flores, jóias e bonecas?»

«Quem não gosta?...»

«... você escreve às suas fãs? A máquina?»

«Sim, algumas vêzes, mas não a máquina.»

«... o bairro em que você mora.»

«Bairro Peixoto — Copacabana.»

«... você fala com suas fãs?»

«Ora, que pergunta... Naturalmente!»

«... que você fala inglês, italiano e espanhol. E' verdade?»

«Não falo correntemente, mas me defendo nesses três idiomas.»

«... você brigou com o César de Alencar?»

«Não, queridinha, eu não brigo com ninguém.»

★

Jurema Eugênio dos Santos — Rua Lima Barreto, 131. Piedade, Rio.

«... se é verdade que você vai com o Celso Guimarães aos Estados Unidos a fim de filmar.»

«Para lhe dizer a verdade... não sei disso não!»

«... por que não volta a apresentar o programa «Entra na Faixa»?

«Porque estou fazendo a temporada teatral no Rival, não podendo atuar em programas noturnos.»

«... será muito difícil você gravar «Lamento Negro» e regravar «Swing no Morro?»

«Vou pensar, quanto à primeira parte de sua pergunta. Quanto a «Swing no Morro», creio que está novamente a venda.»

«... por que você não grava com o queridíssimo Mário Luís?»

«Porque êle ainda não é cantor.»

★

Neusa — Rua 18, Avenida 21. Ituiutaba, Minas Gerais.

«... qual o último filme que você fêz, e o que canta nêle.»

«Foi «Balança mas não cai», onde canto «Meu Baião».

ATENÇÃO, FÃS DE MARLENE! Sua favorita responderá; semanalmente, pelas páginas da CENA às cartas que FOREM ENDEREÇADAS À RÁDIA NACIONAL. Portanto NÃO lhe escrevam para esta revista, mas podem procurar aqui as respostas, que as encontrarão.

TEATRO

J. FOMM

GRAU DEZ

A João Villaret pela magnífica interpretação no Cardeal Gonzaga de Castro, na saudosista «Ceia dos Cardeais».



João Villaret

•

GRAU ZERO

À Comissão do Congresso de Teatro que deixou de convidar alguns críticos de renomada importância na imprensa carioca, entre êles o da «Tribuna da Imprensa», senhora Claude Vincent.

"FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO"

No Teatro Municipal houve a apresentação de duas peças em um ato de Roberto Gomes e a famosa «Ceia dos Cardeais». A intenção primitiva era de apresentar um Festival Roberto Gomes, mas resolveram incluir a «Ceia» para atrair maior público. «Casa Fechada» é um ato interessante, divertido, passado no interior e com as características essenciais dêsse ambiente. Na interpretação destacaram-se Jorge Chaia, Iara Cortez, Antônia Marzullo e Míriam Carmem (muito boa na cena da histeria). A 2ª peça foi «Sonho de uma noite de luar»; belo cenário, magestoso e próprio para um noturno. Mas a teatralização do que deveria ter sido apenas uma poesia é piegas, cacete e ridícula. Carlos Duval fêz uma ponta e não se escutou nada do que falou. Paulo Pôrto, ator sóbrio, mostrou-se muito limitado obedecendo a direção de Bibi; evidentemente a primeira parte do «Sonho» deveria ser dita em tom declamado, mas a inabilidade de Paulo Pôrto prejudicou, corroborado por um indefectível pianinho. Bibi aparece como sempre magnificamente em um papel duplo. Se não fôsse ela o «Sonho» seria um verdadeiro pesadelo. Paulo Pôrto precisa urgentemente consertar sua dicção defeituosa.

A última parte foi a «Ceia» com Villaret, Sérgio Cardoso e Jaime Costa. A «mise-en-scène» estêve magnífica e os atores satisfizeram. Vilaret fêz o Cardeal Gonzaga de Castro de maneira soberba; viveu o personagem transmitindo a ponto de arrancar lágrimas na sua fala. Sérgio Cardoso foi um «montmorency» esplêndido, mantendo sua classe usando magnificamente os gestos. Jaime Costa foi o «Rufo» e destoou. Ninguém duvida de seu incontestável talento, mas por não ter decorado o papel (fato imperdoável) não pode manter o nível da interpretação. A pronúncia espanholada e francesa que os atores imprimiram foi bem idealizada, mas a realização não foi perfeita.

A «Ceia dos Cardeais» constituiu um bonito espetáculo, sendo Villaret e Sérgio Cardoso os principais responsáveis.

Bibi Ferreira: técnica teatral da Comédio do Municipal.



UM ASSUNTO

É comum a vontade em atores jovens de formar um elenco e se aventurar num palco qualquer. Em nosso teatro são muitos os elencos que assim fizeram e a prática sempre confirma o êrro. Agora mesmo vimos com a companhia Maria Matos e sua triste aventura no Teatro de Bôlso. Contratou Celme Silva, Narto Lanza (ambos atores classificados) e João Loredo. Chamou dois nomes para a direção das peças que iria apresentar: José Maria Monteiro e Ranewska. Para os cenários contratou Nilson Pena e Lígia Clark. Alugou o Teatro de Bôlso, anunciou e estreou. O primeiro dia abrigou a crítica e nos dias seguintes quando vendiam duas entradas a bilheteira se admirava. O espetáculo apresentado não foi tão ruim: um Machado de Assis que contou com a boa interpretação de Celme, um ato de Tchekow que apesar da errada direção mostrou-nos Narto Lanza com grandes qualidades e um ato bem feito de Roussin com um cenário completamente sôlto de Lígia Clark, um nome que se faz na pintura moderna. E o final dessa aventura foi o fechamento do teatro, sem a devida liquidação das contas.

Que êsse fato sirva de lição a Maria Matos advertindo-lhe que não é assim que se começa. Inda mais sem a base financeira, que infelizmente é importantíssima em qualquer negócio.

COMENTANDO

Ernani Filho deixou o elenco do Teatro Jardel. Nessa época do ano o cantor tem muitos contratos para bailes de formatura.

—) : : (—

Denis Gray saiu do Follies em virtude de acompanhar o elenco do Municipal para a excursão ao Uruguai. Maurício Loyola é o seu substituto.

—) : : (—

Barreto Pinto não perde o prazer de falar ao seu "respeitável público" (muito a moda de circo). Mas quando aparece na bôca de cena a platéia esfria e ao acabar o seu rápido "speech" recebe apenas meia dúzia de palmas...

—) : : (—

Há muito tempo o Teatro República não abrigava tanto público. Houve a estréia de "Daqui não saio" pelos "Artistas Unidos", elenco comandado por Henriette Morineau.

ROTEIRO DA NOITE

LINE ANDRÉS assegura que os homens brasileiros sabem contar histórias de amor maravilhosas!



Line Andrés é uma jovem encantadora que tanto sucesso vem alcançando em todo mundo com sua magnífica voz, e seu modo existencialista de cantar. Há pouco foi a artista mais comentada da Riviera Francesa, quando ali estêve em uma rápida temporada; posteriormente, em Paris, sua beleza e a magnitude de seu colo, a tornaram a favorita dos fotógrafos da «Cidade Luz». Ela já é conhecida no Brasil através de programas da Radiodifusão Francesa em ondas curtas e também através de discos que gravou com sua linda voz, porém, Jacqueline André (seu nome de batismo) não conhecia nosso país e tinha uma impressão muito particular e interessante a nosso respeito, o que levou-a a aceitar sem delongas um contrato para vir atuar na «boite» «Béguin», no rádio e TV, declinando um convite de Jean Cocteau para aparecer em mais um de seus filmes, que seria rodado em Nice.

«— Pensava, nos diz ela, que os brasileiros se vestiam ainda à moda antiga, com grandes chapéus e tudo mais... Posteriormente conheci dois no «Moulin Rouge», que me fizeram mudar de idéia, mesmo assim resolvi vir ver para crer».

Rimo-nos de sua ingenuidade.

«— E qual foi sua impressão depois que constatou o seu engano?»

«— Fiquei agradàvelmente surpreendida, pois o jovem brasileiro veste-se com muito apuro e elegância e, se forem como aquêles que conheci em Paris, posso afirmar que são românticos e sobretudo sabem contar histórias de amor maravilhosas».

«— Você acredita nessas histórias?»

«— Não. Embora muitas dessas histórias sejam inacreditáveis, como a de um brasileiro que viajou comigo de avião quando vim para o Rio, gosto de ouvi-las pois são muito agradáveis».

«— Que dirá o seu noivo quando ler essas declarações?»

«— Não tenho noivo. Minha única paixão, no momento, é minha carreira».

«— Isso sim. Gosto dos homens altos. Fico encantada com o caráter e o tipo dos brasileiros, principalmente gosto dos tipos morenos, bronzeados pelo sol de Copacabana: enchem a visão».

«— E quanto às mulheres, Line?»

«— A mulher brasileira é muito bonita e tem muito «charme». Sabe harmonizar muito bem as côres».

E para terminar, alguns dados sôbre a jovem cantora: — Nasceu em Paris, há vinte e um anos (disse-nos sem pestanejar). Aprecia muito o samba e o baião, mas a música norte-americana é a sua preferida. «C'est un gars» foi a que mais êxito lhe proporcionou. Dançar é a distração que mais lhe dá prazer e gosta muito de receber presentes como brilhantes e perfumes. Flores, acha muito significativo depois de uma estréia.

Jacqueline Andrés é um caso muito sério. Com o seu olhar, sua voz e sua beleza está fadada a se tornar um dos grandes êxitos da temporada dêste ano no «Béguin».



Line Andrés (21 anos) inicia amanhã, dia 4, sua temporada na «boite» «Béguin».

Cena Radiofônica

EDEL NEY

NOVO HERDEIRO DE CHICO ALVES

Logo após a morte de Chico Alves, João Dias foi aplaudido em todo o Brasil, como legítimo herdeiro do Viola, pois o próprio Francisco Alves o apontara, em vida, como seu substituto. Aliás, um substituto à altura, diga-se de passagem.

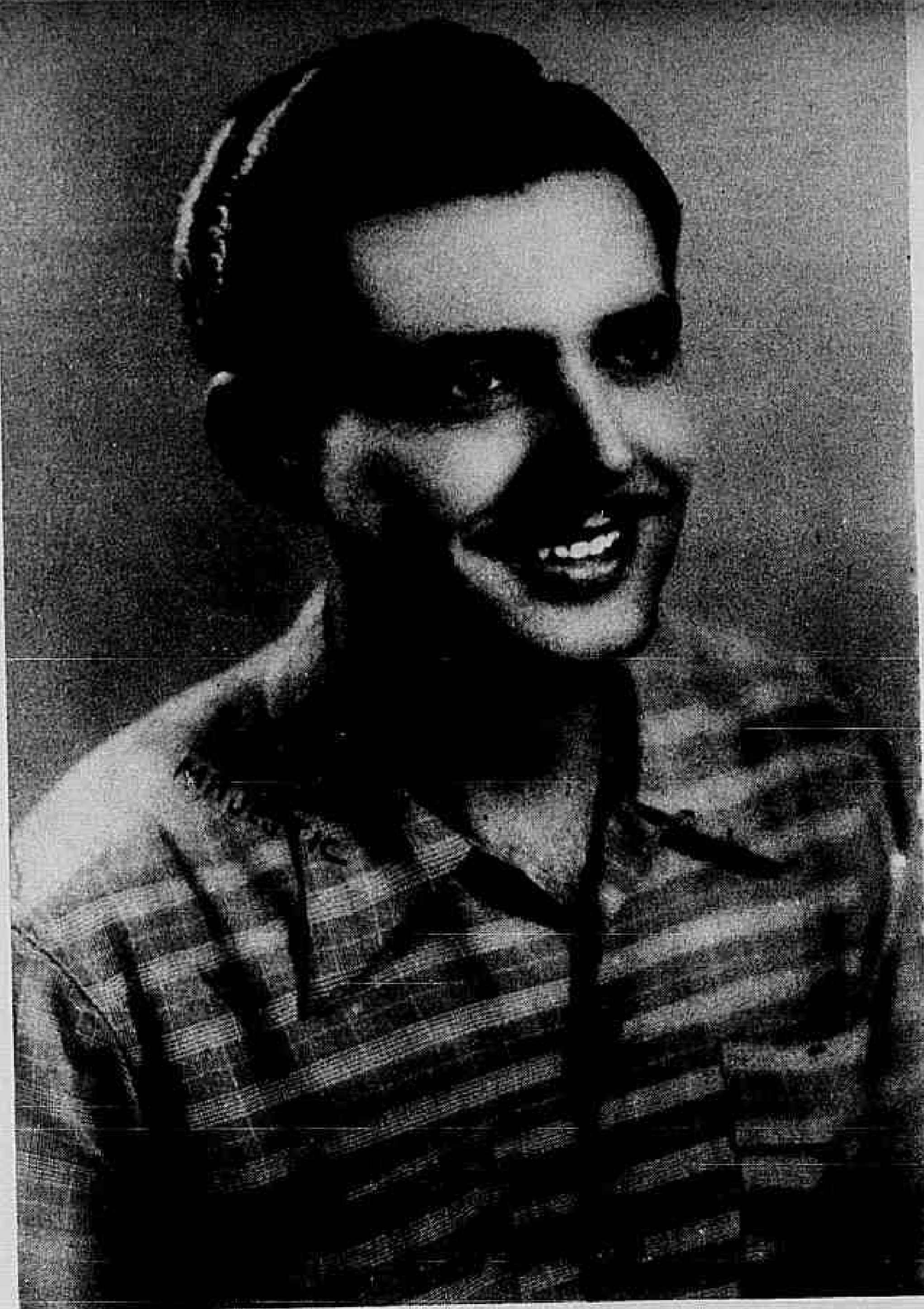
Porém, isso não impediu que vários valores novos, seguidores da escola de Chico tomassem de assalto as emissoras, interpretando, com vozes semelhantes ao do seresteiro, os seus números de maior sucesso.

Aqui no Rio, o que mais se destacou foi Edson Gil que, ùltimamente, estava em boa situação na Rádio Clube do Brasil.

Em São Paulo, por outro lado, Francisco Egydio, um jovem cantor negro que já estreou na Copacabana, também conseguiu aparecer e, até hoje, se comenta a grande semelhança de sua voz com a de Chico.

Por fim, de São Paulo nos vem agora a notícia sensacional de que Alfredo Morety, (que venceu o concurso instituído pela Nacional paulista, para descobrir um intérprete cuja voz mais lembrasse a de Francisco Alves), está conquistando, mercê de sua simpatia e valor, uma situação invejável, no rádio bandeirante.

Em cêrca de três meses, Morety tornou-se um dos campeões da correspondência, um dos astros mais aplaudidos e mais procurados. A Nacional não teve dúvidas em contratá-lo e também a gravadora Colúmbia, para a qual êsse novo valor já gravou seu disco de estréia, que está sendo esperado, ansiosamente, por sua já imensa legião de fãs.



Na foto (cedida ao repórter pelo compositor paulista José Roy), um sorriso de Alfredo Morety para suas futuras fãs cariocas.

CARLOS GALHARDO NAS ONDAS DA TUPI



O flagrante ao lado foi tirado quando da estréia do festejado cantor Carlos Galhardo, um dos ídolos da música popular brasileira, ao microfone da G-3. As Associadas enriqueceram, desta maneira, o seu grandioso «cast», com um valor incontestável, dono de uma popularidade realmente espantosa, em todo o Brasil. Desejamos ao Galhardo grandes triunfos na sua nova emissora!

RONDA DOS PREFIXOS

Emilinha Borba, tôdas as quintas-feira à noite, terá um recital especial na Mayrink Veiga.

★

A Continental está com uma ótima programação de discos. É uma das Emissoras mais ouvidas, no momento.

★

Ramalho Neto, pela onda da Globo, apresenta "Saturday night", um desfile das últimas novidades norte-americanas.

★

Reiteramos às Emissoras, o pedido que fizemos, no sentido de que nos enviem seus noticiários, fotos e programações, a fim de que possamos divulgá-los convenientemente.

DISCO-NOVIDADES



Trio Itapoã

A Copacabana contratou o harmonioso «Trio Itapoã», um dos grandes cartazes da terra da garoa. E o baião «Saudade doida», que constitui uma das faces do disco estreante do «Trio» está vendendo muito bem, aqui e em São Paulo. O «Trio Itapoã» foi muito bem recebido pela crítica.

★

Ademilde Fonseca, que está obtendo recorde de vendas na Todamérica com o baião «Meu Cariri», tem dois novos êxitos prontinhos para lançar ainda êste ano: «Véu queimado», de Raimundo Olavo, e «Clube de Fãs», de Murilo Vieira.



Nilo Sérgio

★

Até que enfim o cantor Marco Antônio conseguiu sua esperada chance para gravar. Sua fábrica é a Colúmbia e Marco vai estrear muito bem, pois seu disco de carnaval apresenta, numa face, uma marchinha muito boa, intitulada «Ximbica resfriada». A marcha é assinada por Almeida Freire, Murilo Vieira e Plácido Ferreira.

★

Ester de Abreu gravou na Sinter, o fado de Paulo Tapajós, «Segrêdo». (Cont. na pág. 34)

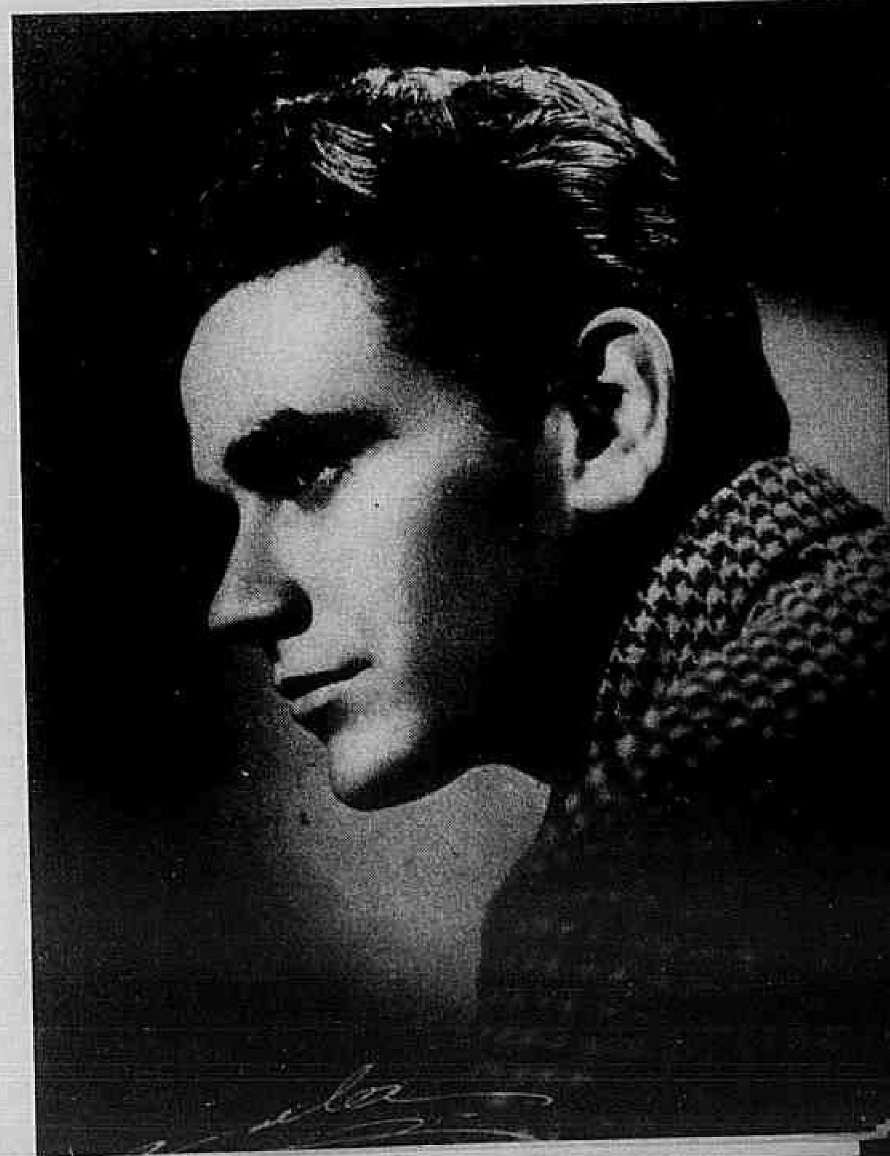
GENTE DO RÁDIO E DA TELEVISÃO

Edite Falcão vai conquistando seu lugar ao sol, na constelação da Nacional. Agora, surgem as suas primeiras oportunidades como solista. Edite Falcão tem uma ótima figura para cinema e TV. Mignon, loura e encantadora.



Mildred Santos, êsse lindo palminho de rosto que vemos, é uma das melhores radioatrizes da rádio e televisão Tupi. Mildred desfruta de largo prestígio entre os dirigentes e colegas das Associadas, devido, sobretudo, à sua extrema simplicidade.

Francisco Carlos, «o cantor namorado do Brasil», continua cumprindo brilhante «performance» ao microfone da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, aumentando, cada vez mais, a sua incontável legião de admiradoras. Som a inauguração da Nacional paulista, a fim de melhor atender às suas fãs, Francisco Carlos passou a atuar, regularmente, na terra da garoa, atraindo uma grande multidão aos seus bons programas. Numa de nossas próximas edições, faremos uma reportagem com o jovem intérprete.



PÁGINA DO Leitor



Marlon Brando quando ensaiava os diálogos de "Uma rua chamada Pecado"

UM POUQUINHO DE MARLON BRANDO

DA LEITORA MARIA IRENE GOMES DE MATOS — RECIFE

Últimamente Hollywood anda repleta de gente nova. Vejamos o lourissimo Tab Hunter que surgiu naquele tropicalíssimo "A ilha do desejo" conquistando inúmeras admiradoras, ou Rock Hudson que foi o namorado de Diana Lynn em "Peggy" e agora já tem a seu cargo papéis mais importantes como o do amigo de Jeff Chandler em "O demolidor". Não é porém sôbre novatos em geral que desejo falar. Trata-se de Marlon Brando a mais sensacional descoberta de Hollywood nesses últimos tempos. Na verdade antes de ingressar no cinema Brando já possuía uma larga experiência teatral, e na sua família há atrizes de palco como sua mãe e sua irmã — presentemente conta 29 anos de idade. Seu primeiro filme foi "Espirito Indômito" ("The Men") ao lado de Teresa Wright no qual fêz o papel de um soldado paralítico. Porém o seu primeiro filme exibido aqui — na realidade o segundo — foi "Viva Zapata" ao lado de Jean Peters e Anthony Quinn que ganhou o "Oscar" pelo seu desempenho na referida película. O maior sucesso de Brando porém foi no discutidíssimo "Uma rua chamada Pecado" de Elia Kazar, baseado na famosa peça de Tenesee Williams. No papel do brutal Stanley Kolwaski, Marlon estêve perfeito assim como todos os demais do "cast" que contou com artistas de renome como Vivien Leigh, Kim Hunter e Karl Malden respectivamente, Blanche du Bois, Stella e Mith. O papel não foi novidade para Brando que o havia representando na Boadway com o elenco original do cinema com exceção de Vivien que estava fazendo o mesmo papel mas em outro teatro. Blanche foi a não menos talentosa atriz Jessica Tandy. O último filme de Brando é Júlio César, ainda não exibido aqui no Brasil. Nesse, seus companheiros são James Mason e Deborah Kerr. Na vida real Brando faz parelha com o reservadissimo Montgomery Clift pois não gosta de publicidade exagerada e de fotógrafos. Sua vida amorosa é muito escondida mas é solteiro e recentemente teve um caso com a desconhecida atriz mexicana Movita que ao que parece é o mais recente "caso" de Steve Cochran que é casado com Fay Mc Kenzie mas todos sabem que Hollywood é muito confusa nesse ponto. Tome-se o escandaloso caso do quarteto — Lana Turner-Fernando Lamas-Arlene Dalh-Lex Barker — que presentemente está trocado. Antes de ingressar no cinema já tocou até bateria nas festas a que comparecia. Últimamente declarou que ia trocar o cinema pelo palco pois preferia êste àquele. Esperamos que o fato não se realize pois Marlon Brando é um grande ator e a própria crítica tão severa não lhe tem poupado elogios. É verdade que seu formidável tipo físico que quem assistiu "Uma rua chamada pecado" teve oportunidade de apreciar o ajuda bastante mas que o talento do rapaz é inegável ninguém discute. Gosta de andar esportivamente trajado sem ligar aos comentários desfavoráveis. É difícil acertar o seu estúdio porque êle não se prende a nenhum. Fêz "Zapata" na Fox, "Espirito Indômito" na United e "Streetcar" na Warner Bros. O remédio é arriscar escrevendo para um dêsses. E é êsse o pouquinho que sei sôbre Marlon Brando.

"AGORA, O BRASIL PRECISA "FAZER" "ESTRÊLAS"

DO LEITOR **CICERO LOPES** - LAGES - SANTA CATARINA

Bem, agora, o cinema já é um fato consumado no Brasil; algo concreto, bem perto mesmo de atingir a consagração desejada. Mesmo os mais céticos terão de se convencer disso mais cedo ou mais tarde, quer queiram, quer não. Aos poucos vão-se acabando aquelas películas ridículas, que nos deixam ruborizados pela fotografia péssima, deficiência técnica, idem, e uma direção nula. Uma das últimas dêsse quilate foi aquela calamidade a que deram o título de "Mulher do diabo". Creio que deram êsse título "convidativo" para ver se atraíam e iludiam o público, mas qual, a catástrofe foi grande mesmo. Francamente, dá pena ver uma atriz como Laura Suarez, desperdiçada assim; ela faz o possível e o impossível e só consegue salvar mesmo a sua interpretação sempre segura. Acontece, porém, que são rarihssimos os Diretores que ainda têm coragem de ludibriar o público, oferecendo-nos tais barbaridades. A época agora é outra, e vê-se grandes perspectivas em tôrno do nosso cinema. Grandes movimentações nos estúdios paulistas, muito entusiasmo depois da espetacular vitória de "O Cangaceiro", importação de técnicos no assunto, etc.

Verdade seja dita, demos a César o que é de César, já são inúmeras as películas nacionais que mereceram nosso aplauso. Dos mais antigos podemos destacar: "Obrigado, doutor", "O homem que passa", "Terra violenta", "Escrava Izaura", "Maior que o ódio", "Carnaval no Fogo" e muitos outros que se não agradou a todos, pelo menos contentou a maioria. Últimamente, fomos brindados com boas produções: como "Caiçara", "Milagre de amor", "Ângela", "Veneno", "Areias ardentes", e muitos outros que ainda não tive o prazer de ver, como "Sinhá Moça", "O Cangaceiro", "Agulha no Palheiro" e mais uma dezena de bons filmes que a crítica especializada não tem regateado elogios onde acham que êles cabem, e chamando a atenção dos defeitos onde êles existem. Claro está, que ainda não atingimos a perfeição, mas, agora eu pergunto, quem foi até hoje que já a conseguiu em qualquer setor de arte ou trabalho? Sempre não achamos que tal fotografia, tal quadro, tal desenho ou tal pintura poderia ter ficado melhor? O mesmo se dá na indústria filmica. Hollywood, a terra do cinema, os mesmos diretores que nos dão os melhores filmes do mundo, não nos enviam de vez em quando grandes "abacaxis"?

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

Formação de Professôres em Cursos Comerciais, Artes e Modas, Cultura Geral, etc. com direito a criação de filial de nossa Escola em sua cidade, com ótimas condições.

Escreva hoje mesmo à Escola G. S. do Brasil

FEIRA GRANDE — ALAGOAS

Sob o ponto de vista de que o Brasil possui muita gente de talento para atuar diante das câmaras e, o que estava e ainda está nos faltando, — mas já estamos um pouco remediados —, é de bons produtores, bons diretores e muita técnica, — o argumento vem em último lugar —, acho que é chegada a hora de "fazermos" as nossas "estrêlas". Como? — Fabricá-las à moda de Hollywood? O que êle emprega na fabricação? — "Publicidade" — Sim senhores, essa mesma publicidade a que no Brasil dão tão pouca importância, — e nesta lista podemos incluir os produtores, os diretores e os próprios intérpretes —, em Hollywood se consegue tudo ou quase tudo com ela. Ora, se o público que compra as revistas especializadas em cinema é o mesmo que assiste aos filmes, — note-se que nem todos que vão ao cinema compram tais revistas mas, os que as compram é porque são fãs de cinema, e como tal querem saber as últimas, como então um "astro" ou uma "estrêla" pode tornar-se popular se não colabora com a imprensa? Só em vê-los duas ou três vêzes por ano no cinema o público não vai guardar o nome de todos. Já ficou provado há muito que a propaganda é a alma do negócio, — e o cinema é uma arte industrializada — como então dar bons resultados um filme que é feito no maior e mais perfeito "sigilo"? Será que os produtores pensam que a surprêsa seja mais favorável nesse caso, do que a espera? Para maior divulgação de nossa arte cinematográfica, é preciso que os estúdios enviem semanalmente, cenas e detalhes de suas produções, para nossas revistas — A CENA MUDA — é a pioneira e garanto que jamais se negará de publicar tais informações aos seus leitores, já que sua especialidade é cinema.

E, agora, pergunto eu, qual é o artista do mundo que não precisa de publicidade? Portanto, "estrêlas" "desconhecidas" do Brasil, tirem fotografias à bessa, dêem entrevistas e verão os resultados surpreendentes. Conhecem a última "fabricação" de Hollywood, Marilyn Monroe? Cansada de aparecer em pontas de filmes esta artista resolveu entregar-se à publicidade. O resultado é conhecido por todos, hoje é admirada nos quatro cantos da terra e os contratos são tantos que ela não os vence. Mais belas e mais talentosas que Marilyn Monroe, existem milhares de moças não só em Hollywood, como no mundo inteiro que desejam o estrelato mas até agora estão dormindo nas palhas. Nós com tanta gente de valor como: Fada Santoro, Ilka Soares, Tônia Carrero, Maria Della Costa, Mariza Prado, Vera Nunes, Eliane Lage, Eliana, Adelaide Chiozzo, Mary Gonçalves, Lourdinha Bittencourt e tanta gente mais e os nossos diretores a contratar uma verdadeira avalanche de estrangeiras como Angélica Hauff, Edith Morel, Josette Bertal, Lysca Hayde e não sei mais quem.

Não compreendo para que "importar" uma coisa que podemos "exportar"!...

"O SACI"

Sem contar com os materiais, nomes e tarimba de uma Vera Cruz, Multifilmes, Kino ou Atlântida, mas com boa vontade, espírito de iniciativa e inegáveis recursos técnicos (como o do notável Rui Santos, Artur Neves, Hugo Nani e Rodolfo Nani resolveram adaptar para a tela "O Saci" a obra prima de Monteiro Lobato. Sucesso absoluto: a fotografia perfeita e rara; a música louvável e de influência capital no andamento da película; a direção (de um estreante) foi auspiciosa; as crianças, principalmente, corresponderam plenamente. Enfim é um filme que merece ser assistido por crianças e adultos: os primeiros por viverem o filme, os últimos para sentirem-se mais jovens.

Lívio Nani é um Pedrinho natural e de fotogenia e dicção apreciáveis; Aristéia Paula Souza é uma "Narizinho" sem narizinho arrebitado mas que sabe representar; Olga Maria é a Emília (a boneca) — aliás eu fiquei sabendo na ocasião que boneca também troca a dentição: Paulo Matozinho é um "Saci", espetáculo à parte (uma revelação); os adultos são inferiores e falharam bastante na dublagem; a "Cuca" não obteve o efeito desejado pois a máscara fica muito visível ao ver-se de perto e a "Iára" usa maiô de nylon, além de não ser tão bela quanto devia.

Mas devemos considerar que os mais fracos apareceram menos e seus erros passaram desapercebidos a muitos; não prejudicaram, estas falhas, o andamento do filme.

Portanto "O Saci" merece ser assistido também como incentivo àqueles que o fizeram, dando mais um passo glorioso à história do cinema nacional.



A NOVA RAINHA DO CINEMA BRASILEIRO

DO LEITOR JOSÉ RIBEIRO SOBRINHO

Sem propaganda através dos jornais e revistas cinematográficas, realizou-se no dia 7-11-53, nos amplos salões do aristocrático clube das Laranjeiras o High-Life, a eleição para a nova rainha do nosso progressista cinema, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos.

Entretanto, a eleição não foi aquilo que se esperava, ou melhor, esperavam todos os fãs de cinema. Para surprêsa e perplexidade de quase todos aquêles que militam, trabalham, vivem, escrevem, propagam, incentivam, lêem sôbre cinema, assistem aos filmes, e principalmente para o fã, foi eleita e coroada a "estrêla" Marly Sorel, figura querida nos meios artísticos, pela sua atuação em algumas películas nacionais e principalmente nos meios radiofônicos, onde no último pleito foi candidata a "Rainha do Rádio", tendo ocupado o 4.º lugar entre as demais concorrentes.

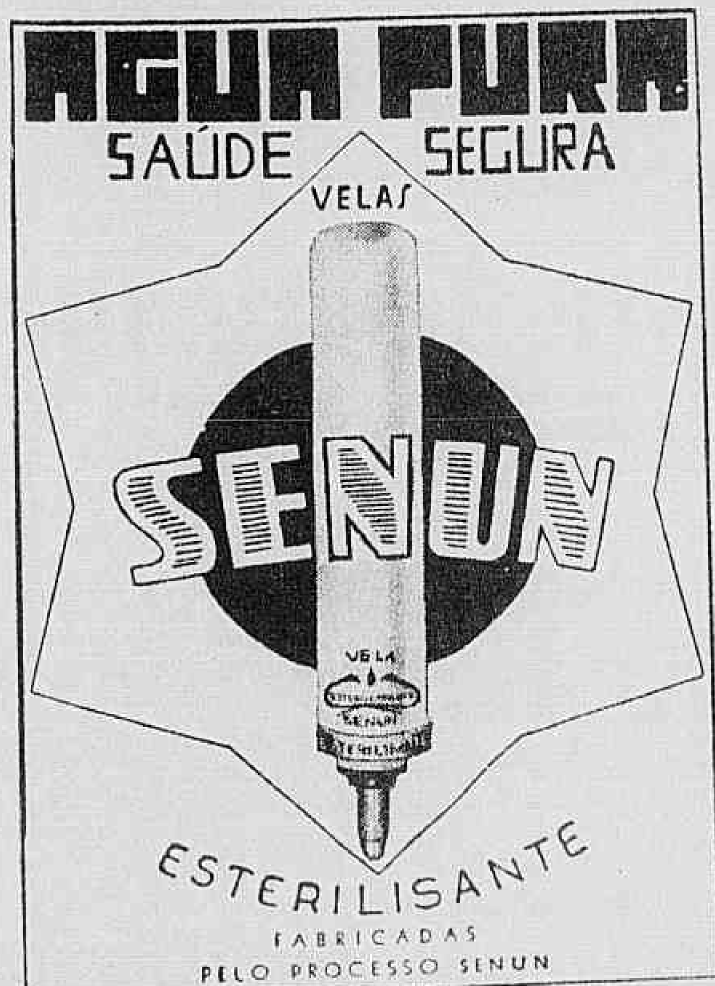
É justamente esta "artista" que um determinado grupinho de pessoas escolhe e elege para o cimo culminante de nossa indústria cinematográfica ou seja, o cobiçado pôsto de "Rainha", lugar êste, tão desejado por dezenas de artistas de méritos comprovados através de suas atuações em numerosas películas nacionais, que não chegaram a ser nem classificados, por causa da unânimidade com que Marly Sorel venceu. Francamente, não é para ficarmos perplexos?!...

Não resta a menor dúvida que a escolha não é de um certo modo desmerecedora, principalmente no tocante a sua beleza e real simpatia. Todavia, com referência à parte essencial que são os filmes, pouco, ou quase nada, dela podemos falar, pois apareceu apenas em 2 ou 3 filmes, que de modo algum, satisfizeram plenamente o gôsto dos espectadores de cinema e o nosso também.

Por conseguinte, não é uma artista totalmente firmada em nosso convívio cinematográfico como algumas outras (não nos convém citar nomes), a ponto de ser escolhida como a soberana máxima de nossas telas, devido ao seu reduzido número de filmes (diga-se de passagem sem nenhuma projeção) e a sua pouca popularidade e nenhuma consagração como artista de cinema.

No entanto, não queremos de modo algum desmerecer a eleita de nossas telas, pois o nosso objetivo não é falar contra A ou B e sim, antes de tudo informar e dizer a verdade aos nossos milhares de leitores que se espalham por êsses brasis afora e se interessam em demasia (aliás com justa razão) por tudo que se relacione com o cinema, e em particular pelo cinema brasileiro, que está caminhando a passos largos, para maior hegemonia e total estabilidade da 7.ª arte em nosso país.

Parabéns pois, à NOVA RAINHA DO CINEMA NACIONAL: MARLY SOREL.



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu- volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade de Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

A HIGIENE ÍNTIMA TAMBÉM CONTRIBUI PARA A SUA

Beleza!

Metrolina

ANTISSÉPTICO GINECOLÓGICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO
Departamento: "PRAIA" — *SANTOS*: CAIXA POSTAL 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma *solicitação de exame e tratamento em sua própria casa* — pelo novo método de nosso Instituto.

N O M E :..
(Favor escrever em letra de fôrma)

ENDERÊÇO: ....
CIDADE: .... ESTADO: ....

Sensacional!

CR$ 50 — ÁLBUM RUBRO NEGRO

CR$ 40 — ÁLBUM do CRACK

CR$ 5 — CRACK — VIDA DO CRACK — ADEMIR, BIGUÁ, ZIZINHO, CASTILHO, SANTOS, PINGA

Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

À venda nas Bancas de Jornais

DISCO-NOVIDADES

(Continuação da pág. 31)

Nilo Sérgio, dinâmico diretor artístico da Musidisc, está trabalhando dia e noite na sua fábrica, recentemente montada em Olaria. Nilo, em palestra conosco, mostrou-nos o seu programa de gravações de "long playing", até o mês de novembro de 1954. Para o próximo mês, promete discos em rotação comum, com sensacionais novidades.

★

Na RCA, no seu mais novo suplemento, Gilberto Alves comparece com o samba "Dez minutos de amor" e o bolero "Eu vou partir". Gilberto também gravou para o Natal.

★

Dois grandes êxitos: "Baião de Ana" (italiano) e "Cuco", reunidos no mais recente disco Odeon da "estrêla" paulista Neyde Fraga, que voltou dos Estados Unidos em grande forma.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS ★ BULAS
★ FOLHETOS ★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO

TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

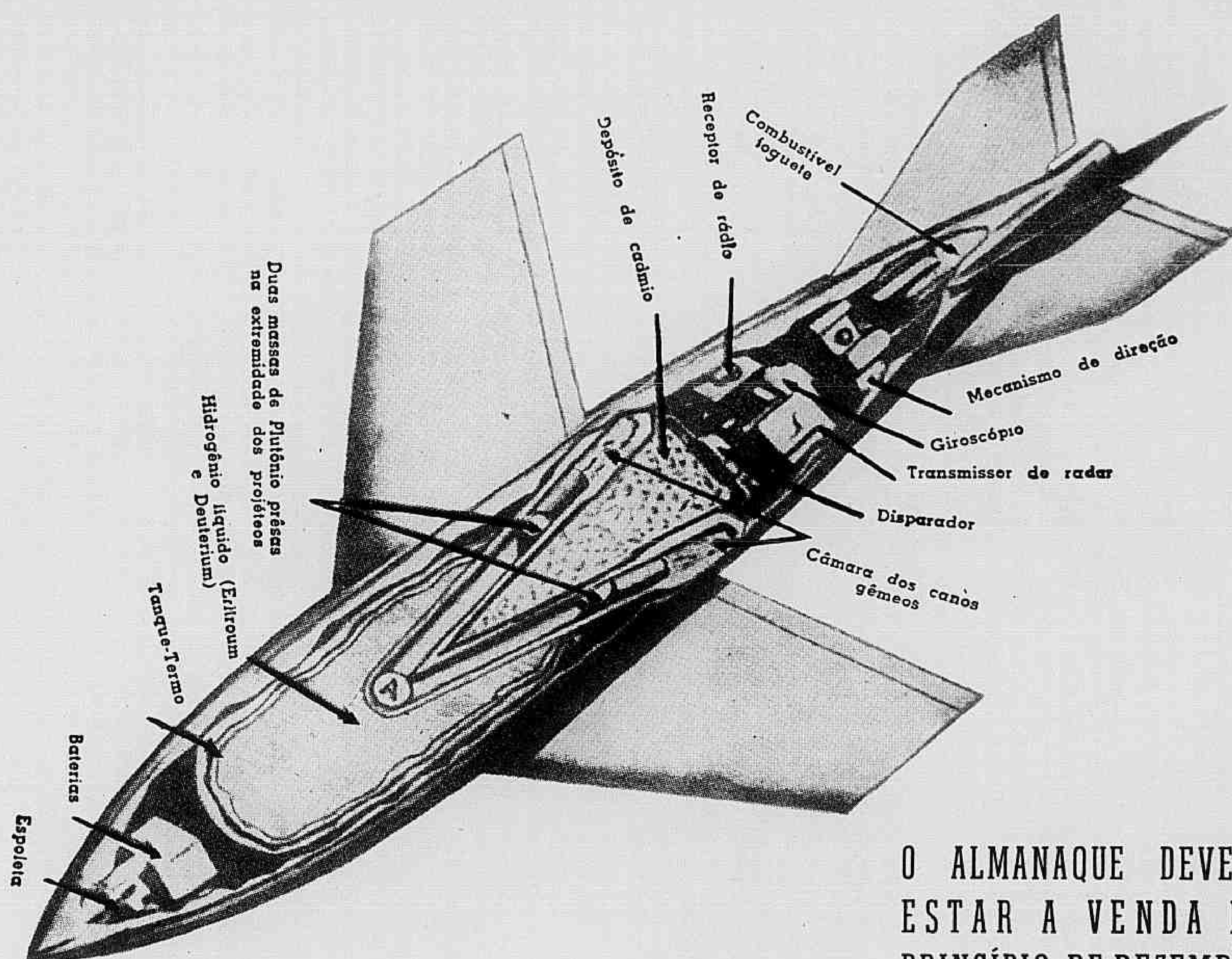
EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino. R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954



O ALMANAQUE DEVERÁ ESTAR A VENDA NO PRINCÍPIO DE DEZEMBRO

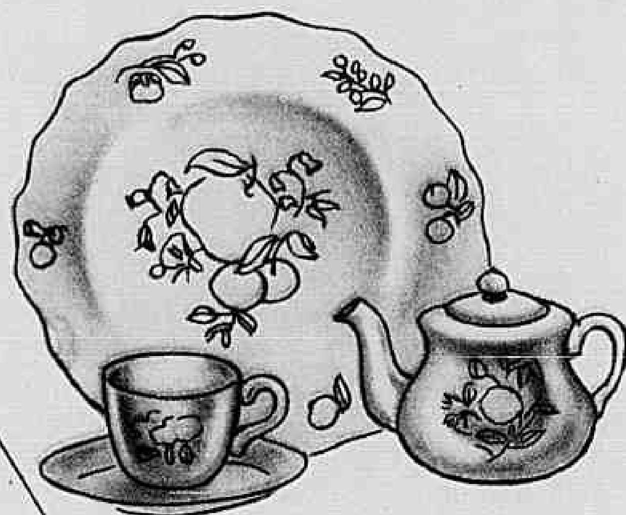
- Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?
- Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.
- MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.
- ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

LOJA-2 *Lojas da Perfumaria Meyer* LOJA-1

LOUÇAS — CRISTAIS — PORCELANAS
PRATARIAS — ARTIGOS PARA PRESENTES

SALÃO DE CABELEIREIROS
PERFUMES — BIJUTERIAS





LOJA-3

CALÇADOS PARA
SENHORAS E
CRIANÇAS







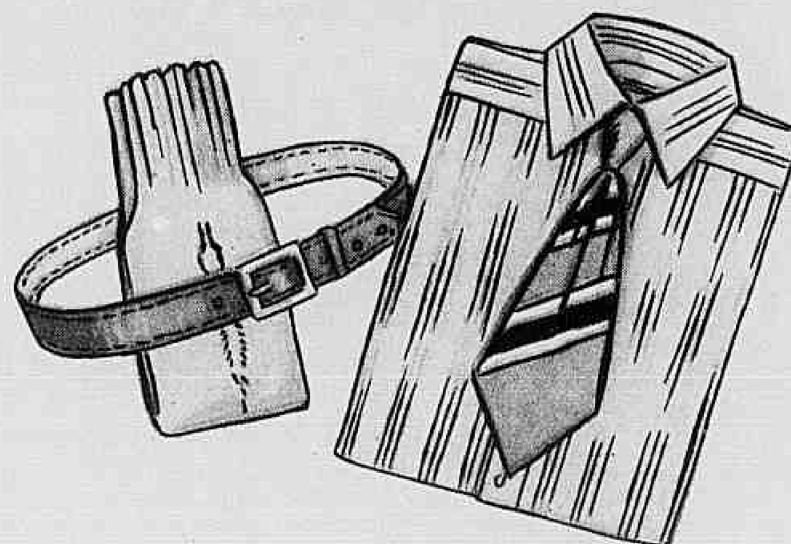
LOJA-4

CALÇADOS E CHAPÉUS
PARA HOMENS
ARTIGOS PARA ESPORTES



LOJA-5

CAMISAS — PIJAMAS — LENÇOS
CINTOS — GRAVATAS — ETC.



VIEIRAS DE CASTRO & CIA LTDA. — RIO

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 e 29 1786

FABRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756